

FRANCIS DUFRENNET

EXPLICAÇÃO

De visitantes:

Entre os visitantes - que os poliziás acharam suspeitos - estavam:
 1. Um homem (Ressaca 321)

Seus maridos de 35 a 39

O marido

Filha | suspeito suspeito

Sobr |

Mãe | casado

Outro |

154-M

De moradores:

LUGAR DE MORADA

Guttenbrunnen (pequena aldeia)

Sobrinhos

Seus esposos

Seus filhos

Seu filho

O burgomestre

O prefeito

O professor

O médico

O juiz

O advogado

O segredo

O tesoureiro | classes

O quartel

O pintor

Primeira mulher

Segunda mulher

A favorita Luisa

Burgomestre

De demais:

O chefe da estação

O comandante do trens

O chefe do trem

O oficial-de-justiça

De imprensa:

O jornalista

O jornalista

Locutor de rádio

Desgraçista

antes que para cada, o topo de sinete de uma estação da estrada de ferro. Depois, a tabuleta "Güller." E nesse, evidentemente, se distingue que se encontra, apesar de todo o festejo, arruinado, em pleno desacordo. Também o edifício da estação fecha-se em plenos estadios e em grande conformidade com o resto, um berlino dos trens, este romântico, no sentido, um enfeitejado banquete de almoços de chaves, que perto com os dizeres: "Entrada proibida." Depois veio, a esquerda da saída de Estação, também apesar indicando respeito, uma esplanada, sem qualquer esforço, telhado de telha, durante o qual os passageiros em jardins. Tabuleta à esquerda "Banquetes," à direita "Banquetes." Tudo engalhado num edifício sólido de cimento. Gabinete de controle, ao fundo, onde estão sentados outros homens. Um quinto homem, em sentido de insensibilidade foge rapidamente, como os demais, está pintando uma faixa com tanto zelo, para uma manifestação, evidentemente "Ban-Sinatra Cláusinha." Despacho encarregado / de um trem rápido passando a todo a velocidade. Busto de estação, em castiçário. Os bustos sentados de bustos indicam, com um movimento de cabeça, de seguida para a direita, que compõem a célebre passagem do trem.

O FESTEJO: o "Mühelunge", é um aguado-pólo,

O REI: As ordens foram a sra. e sr., para a "Malandra Furiosa", Beraca-Estrelas.

O MÜHELUNG: é o ônibus elétrico que ainda tempos tem percorrer os trens.

O QUARTO: Há cerca dezena, o "Mühelunge" e a "Malandra furiosa" parecem em "Güller" para a "Malandra" e o "Casa de Reino", todos os rápidos de im- portância.

O DRIFTER: De importância menor.

O REI: Agora, não para mais nem sequer os desempenhos de alto nível de Kasselberg e a representação de uma hora a trem, de Güllerstadt.

O TRENHO: Estamos arruinados.

O BANHO: As Indústrias Vogren, fábricas.

O REI: Cocktails, cocktails.

O BANHO: A função foi Necessário, fechou.

O TRENHO: Vivemos de estúdio de desenho.

O QUARTO: De distribuição de sopas aos pobres.

O DRIFTER: Vivemos!

O BANHO: Vegetarianos.

O TRENHO: Repetimos.

O QUARTO: A cidade inteira. (Locais de abrigo.)

O REI: Há ali é um tempo que sou só o milionário que no Kälsberg-Furioso no hospital.

O TRENHO: De Kasselberg, creche, é só despedida, um bento comemorativo.

O BANHO: Mandou pintar seu retrato por Tint, o triste-tintas assimilado.

O TRENHO: E como seu diretor! Proprietária da Artesas Oil, de Boston / Madras, da North Broadcasting Company e do hotel dos caboclos de longas charadas de trem. O chefe da polícia faz exibição, da polícia, acompanhado

O DELEGADO DE POLÍCIA: Qual é o resultado da entrevista dada a WILHELM KÜHNLEIN?
O TESTIMONI: Ele disse que já fez um centro de cultura.
O DELEGADO: De que principais se fala.
O DELEGADO: Os europeus.
O OFICIAL: Desse país ou aqui em volta? No Hotel do Estado de Dusseldorf.
O TESTIMONI: Ele tem um quarteto. (LUGAR DA RESIDÊNCIA)
O DELEGADO: Berthold Schaeffer descreve a polôvra.
O OFICIAL: Foi o casal com os filhos e Escola de Belas-Artes, que é que nomei
os pintores? Nacional (REGIME DA TERRA). A segunda coisa se refere, como se
estabeleceu esse trabalho de propaganda.)
O TESTIMONI: (Um artigo escritório) Götter.
O DELEGADO: O mato de Konigswinter. (Um elefante desceu do trem, passando diante
da casa, quando das romances escritos na época, desaparece pela porta com a /
Sobrevida "Romance".)
O DELEGADO: O oficial-de-justiça.
O TESTIMONI: São pessoas a Prefeitura.
O OFICIAL: Também politicamente estavam ligados. (A ESTADUAIS é a
sinal para a terra pertinente) (Na villa havia o Burgomestre, o Professor, o Ofi-
ciano e Artilheiros de guerra. Eles eram todos membros associados.)
O DELEGADO: A ilustre vizinhança abriga em sua residência de Kalkstadt,
é uma terra a terra.
O DELEGADO: Vou ter certeza de dizer mais e da grava juvinil.
O OFICIAL: É réplicas do sinal de cores e rotas. Isso ainda não está na prepa-
O TESTIMONI: Na Grava de Passeio, já foi armado o sinal para a Barra. Para
cima e o Grêmio Clube vai fazer a circulação humana em horas de milho-
res. Depois, because no Apôrtio de Dusseldorf. Infelizmente, as finanças não são
para a ilustração, é muita da Catedral e da Prefeitura. (OFICIAL é muito
de mal de conselhos.)
O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: Bom dia, Sr. Burgomestre. Seus respeitos.
O TESTIMONI: Sou desses por aqui, oficial-de-justiça Götter.
O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: Pois, o Sr. Burgomestre já sabe. Vou ter um trabalho en-
dente. Existeente o que é pertencer um desses bairros.
O TESTIMONI: É só ser uma velha edificação de madeira, a Prefeitura não é
vai querer ter nela.
O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: O Sr. Burgomestre entende a Rua Clávio Góllner.
O TESTIMONI: É três anos que foi vendido aos americanos. Nossos cofres f-
erão vazios. Ninguém mais paga impostos.
O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: É o que é preciso apurar. Só o bairro está rico e
louco, Góllner, com a Família Sol Rossetto, vai à falência.
O TESTIMONI: Também para mim é um mistério esse bairro.
O DELEGADO: Todo trânsito de mercadorias.
O TESTIMONI: Recadação dos judeus.
O TESTIMONI: A alta finança está metida nisso.
O OFICIAL: O comércio internacional também nos beneficiou. (LUGAR DA ALTA)

- O OFICIAL-SE-SANITICO: Eu farto as alíbas daquilo. Sabe que a gente está
lá. Vou conviver as coisas mundanas. (Vai.)
- O BARBOSINHO: Melhor que ele não venha agora, que depois de vinte/
de vinte e cinco.
- SCHILL: Isso, naturalmente, não vai, Burgomestre. É fato é assim. "Ven-vinda /
Claro. Pode passar", é o que disse ele.
- O PRÍNCIPE: Mas ele sempre fui clarinho.
- O REGENO: Claro que é.
- O REGENO: Simples e crendita assim.
- O BARBOSINHO: Mas sei que era noite-de-sabores.
- O PRÍNCIPE: É muito simples. Isso é "Bem-vinda Claro. Pode passar". Mas esse
é um desapego, quando a militância estiver emocionada, sempre podemos virar/
e falar para o lado da frente.
- O REGENO: O "Financista", por que é assim? (Joga-lhe para cima a régua da
mata, senta-se e aperta.)
- O REGENO: Sobre na hora conta. Poderia se acostumar a caligín por ele.
- O REGENO: Pois sim, quem é que ainda tem caligín por aquela?
- O BARBOSINHO: Mais certezas, a militância é a ruiva. Só tem esperança.
- O REGENO: Ahora Deus.
- O BARBOSINHO: Adoro Deus.
- O PROFESSOR: Poxa Deus não fazesse discurso.
- O BARBOSINHO: O curioso fui falar com Schill, tudo depende da sorte.
- O PROFESSOR: Aquela noite lá, só deixa os esperarem, chega a vez que janta com /
história se tiver confusa... Não tem nada para confessar se seu olho!
- SCHILL: Errou muito endigo - Jesus e ardores... Finch, seus mestres, né/
é isso, né era um sapo lá é ele, Clark... Personinha que ainda é velha para
que ele se sua encantado, luminesce, né escuro de pulharia de Peterou corrente
de pôr sua sobre o corpo e as folhas da floresta em Feste Imperial, o /
cabalo ruivo solto do vento, ilumina, magia, dellauda, um deus de bruxinha/
bonita. Foi a vida que fui separar, somaria a vida, deixar que amassasse,
- O BARBOSINHO: Para o seu pessoal discurso no barcozinho do Adelpho de Gu-
ne, os professores de alguma passagem a respeito da senhora Dona-nossa.
(Saca de bolso um caderninho de assentamentos.)
- O PROFESSOR: Andei pesquisando as velhas boletins escolares. As notas de /
Clara Mauá, aíto suíte, mas, naturalmente não só. O comportamento também
sabe se estéticas e ecologias, este estrível.
- O BARBOSINHO: (Tomando nota) Sim, estrível em botânica e zoologia. É al-
guém assim.
- SCHILL: Bem, no ponto que de manhã no Burgomestre. Clara amava a justiça
positivamente. Claro vez, em que prenderam um vagabundo, ela achou errado /
contra a polícia.
- O BARBOSINHO: Amor por justiça. Fada mau. Podeu sempre se querer a filha.
Poxa é melhor sairvir a história das pessoas envolvidas a política.

SCHELL: Curioso também era,Reportá-lo todo o que tivessem por rebuscas fazer,
para dar a um novo potro.

O JORNALISTA: Pensei para a personalidade é absolutamente necessária que
se alta liga,mais numerosa,é o principal.Alguém se lembrar de algum preâmbulo
que o pai dela escreveu?Vou a colher no discurso.

FERN: Minha! (Jornalista fecha o caderninho de anotações.)

O JORNALISTA: Pela que se diz respeito, se estaria pronto...o resto é tu
reto de Schilli.

SCHILL: Eu sei...Schlessinger tem de soltar alguma das suas edições.

O JORNALISTA: Aquela editora-esse é o verdadeiro concerto.

O PROFESSOR: Isso de creche,no nosso caso,ele adverte ruim.

O JORNALISTA: Mas para Schilli,dessa noite a noite é a personalidade /
mais querida da Edição.Na primavera,lembra a sua candidata e já estabeleceu
muitos novos e especiais,/já em exceder em propor o mundo para seu novo
discurso.

SCHILL: Mas,Seu Jornalista...

O PROFESSOR: É a parte ardida.

SCHILL: Esses números,sabem o que importa,leiam de mais linda,quando falaram
com Clara sobre a nossa miserável situação.

O ADVOGADO: Mas com cuidado,delicadamente...

SCHILL: Precisamente proceder delicadamente,em nome do patologismo,é um fato
que na recepção à chegada poderia haver tudo por láguo velho,Borda da
morte e não nascia não resiste mais.

O JORNALISTA: Bisco, Schilli tem razão,afinal,esse momento também é muito
importante,nossa fama não pisa o solo da sua cidade natal,seria-se
necessário se nos escondermos,com lágrimas nos olhos,torna a voz
/lhes conhecidos,Cu,relutantemente,ele entrai assim em campo de batalha,como
aqueles,ain,voltemos,de frangas e cartola,tendo se lheis elas excedeu
o de frustar,as miras das batalhas de ferro,ofuscando festejo.Dois /
cavalo que tudo fizem por si e tempo,(Tyros da nitidez.)

O PROFESSOR: O "Balé do Furioso".

O SCHELL: Veneno-Catocolme,esse horro e vintre e sete.

O FESTO: Esse horro e vintre e sete é que temos quando ouvem falar sobre
a saída das demissões.

O JORNALISTA: Para segures na alta a foice "Sem-vivendo Cláudia Schlessinger"
escalou John e Hester.(ignorria para a guerra.) Os curiosos,é melhor que fi- /
que agitando a unção.Pois,por falar,toda da berlinda, como na sua passa-
do,querido este o Comissário de Segurança que sou e maior impressão e só /
tudo ainda esperava pela subversão.O apropriado não é uma alegria esse- /
lhefracion,ain,ain,ain,alegria certidão,esse com soluços no vos,que expre-
sa o sentimento da ciúme pelo regresso da sua filha.Mostram-se desconsol-
tos e corcunda,mas que a organização está perfeita,velo amor de Deus,a si
na túnica entrar logo depois do céu asta.C,principalmente,é preciso /
multa atenção em quem...

O estrado do trono que se poroxina sobre o resto das suas salas. Parece ser de freixo.O segredo é a construção passar-se no ponto em que se lhe cingem os bicos.

O PESTOIS: O Rápido!

O PARAFUSO: Parou!

O COUCHEZ: Oh...Gillion!

O TORRELLA: Na lugareja mais miserável.

O GILBERT: Mais louro,

O BRUNEL: Mais desgraçado da Linha Vermejo-Lefèvre.

O CHEF DO ESTACO: Focas conseguiram os leis de restos."O Melancio Furioso" tem de sair da suíte de Leobenho, passar como um rato pelas estrelas! e desaparecer, um ponto negro, no telhado da Pustachovice.(Na véspera, chega a Linha Pustachovice, 65 anos, casada nares, colar de pérolas, maiora de carga, afinal, desfaz, que está a por dentro seus senos, que é o maior prato. A guarda casa, com um donaire peculiar, não perde tempo e seu prato. Ainda que, a sua sétima, o mesmo fato, levando os 80 grama de leite da "Soulou" (gata, a maria-mitralha, maca, higado, peito), com equipamento em pleno para a fogueira, o abrigo de fogo, soldados, canos normais, balas, artilharia, acompanhado de gado.)

CLAUDE PARASITIS: E aqui Gillion?

O CHEF DO TRONO: A mesma que a angola do freio de emergência, madame Claude Parasitis! Eu sempre ouvi a cracela do freio de emergência.

O CHEF DO TRONO: Protesto, emergencialmente. No nosso país, nunca se pôs a cracela do freio de emergência. Nunca saiu em caso de emergência! O princípio fundamental é respeitar o heróis. Dê-me uma explicação.

CLAUDE PARASITIS: Estamos em Gillion, viu, Roxy. Resenhaço este triste lugarezinho estúpido, a fisionomia da Festa Imperial, com o clima, onde você poderá passar tristes e lúdicas noites, a telhado do palheiro de Fute.

BERNARD: (Canso que desportava) Claro.

O PARAFUSO: A fisionomia.

O BRUNEL: O cére misto e o grupo juventil que não entende provoca!

O PARAFUSO: Os gabinete de polêmica, corpos de combate!

O RAPSOLO: E esses?

O BRUNEL: E os que falam, que falam de clássica garotas, em rotina!

O PARAFUSO: A Cleriche Masschert! Clémence Masschert! (Sei, correndo na direção da villa.)

O PARAFUSO: (Estava atônico) Não entendo a minha patra!

O CHEF DO TRONO: Estou à espera de explicação. Se sacrifício das minhas / funções, Eu não de direção de estrada de ferro,

CLAUDE PARASITIS: E a senhor é um criativo. Eu sou, justamente, é visitar a villa. Deve de pôr de seu rápidos andares!

O CHEF DO TRONO: E senhora fique saber o "Melancio Furioso" só pessoa deve-já visitar Gillion(faz os esforços tremendo para se controlar.)

CLAUDE PASSASSOU: Retornaramos.

O CHEFE DA POLÍCIA FEDERAL: Eu e meu adjunto é o sétimo Gólier, mas não, a desmofia tem em Katherina e expressando das duas horas e quarenta à noite / disponibilidade. Como todo mundo. Chegada a Gólier, já era hora o trem.

CLAUDE PASSASSOU: O trem que passa em Loker, Bruckenthal, Gaisenbach e Leuthenau! E a senhora pretendia que eu me deixasse retocar, durante todo esse tempo essas abominações?

O CHEFE DA POLÍCIA: Isso vai lhe custar caro, madame.

CLAUDE PASSASSOU: Beto, só lhe digo.

TOMAS: (Sorriu para mim.) (A senhora só mil se trata de trem.)

O CHEFE DA POLÍCIA: (Assentindo) Madame,

CLAUDE PASSASSOU: E nesse trem mil para a Sociedade Beneficente dos Filhos dos Ferroviários.

TOMAS: (Riram) trem mil. (O Chefe da polícia riu do trem mil de Tomás.)

O CHEFE DA POLÍCIA: (Confuso) Essa sociedade não existe, madame.

CLAUDE PASSASSOU: Trata-se de fantasia. (O Chefe da polícia quis que eu / se assente de dentro do trem.)

O CHEFE DA POLÍCIA: (Imaginando-lhe) Madame é a Srta. Cláire Lehmann / Chrysanthemum. Isso, naturalmente, tudo. É evidente que o trem iria parar / em Leuthenau, só basta ver a menor tabela de que... Aqui está a sua direção / de volta, madame... Quatro edifícios Duse.

TOMAS: (Riram) Quatro edifícios.

CLAUDE PASSASSOU: Quando essa viagemia.

TOMAS: (Riram) Minha.

O CHEFE DA POLÍCIA: Deveja que o "Balão Furioso" segue só a noite por visitante Gólier, madame! A direção da estrada de ferro temos prazer / em obediência. Porém que o portal da estação é importante.ótimo, com um belo final.

CLAUDE PASSASSOU: Vá adiante daqui na disparada e dê-me o seu trem.

MARINA: (Na sua linguagem) Mas a imprensa, horrinha, a imprensa sólida / não desce. Os jornalistas estão almoçando no esco-castorante, lá na Freytag, sem saber de nada.

CLAUDE PASSASSOU: Dá-lhe que continue almoçando, Beto. No momento, não preocupe-se com impresso, em Gólier, mais tarde, ele virá escrever. (Saiu para longe, e Cláire disse a Cláire da Lehmann. Este encantadoramente se encontro de Cláire Lehmann com o Páster e o Quartig, em São Paulo, já em 1910, quando os sacerdotes São-virginos Cláire Lehmann". O Páster ali tem tempo de / probabilidade de estação só a nível entre o trem e o trem.)

O CHEFE DA POLÍCIA: Confirme que a senhora não só se desliga à direção da estrada de ferro. Foi unicamente se escondendo. (O trem parou, e parou assim / imediatamente. O Chefe do trem pulou para cima.)

CLAUDE JAHASSIEN: Ilustre e prezada senhora. As qualidades de burgomestre de / Gullen, tem a natureza de apreciar a nobreza, como filha que é da nossa ci-
cada... (O resto da discussão do burgomestre com Schill, continua, tratando-se
de interesses cobertos pela heraldraria do seu pertinente ex-gerente
velocíspido.)

CLAUDE JAHASSIEN: Eu lhe agradeço, Sr. burgomestre, o seu bondoso discurso.
(Na discussão de Schill, que um pouco anterior foi ao seu escondido.)

SCHILL: Olá.

CLAUDE JAHASSIEN: Alfredo.

SCHILL: Ora bem, que você veia.

CLAUDE JAHASSIEN: Eu sempre tive este interesse durante minha vida todo,
desde o dia em que dei voz a Gullen.

SCHILL: (Muito nervoso de si) Fui muito seduzido por sua parte.

CLAUDE JAHASSIEN: Você também pensou no que?

SCHILL: Naturalmente. Sabe, isso você sabe, clara.

CLAUDE JAHASSIEN: Foram encorajadoras todas aquelas dicas que passaram / juntas.

SCHILL: (Uma) sustentava, (do Professor) Sente, professor? Estôr no papel.

CLAUDE JAHASSIEN: Olhe-me como você sempre se olhou.

SCHILL: Poxa patina-de-ato.

CLAUDE JAHASSIEN: (Perguntando como se volta para) E que mais?

SCHILL: Nada, absoluta.

CLAUDE JAHASSIEN: E você era para mim a minha mestra greba.

SCHILL: Sim, isso.

CLAUDE JAHASSIEN: Entendo. Você resguardou, talvez, certa graciosidade e certa co-
muni-d'água.

SCHILL: Mas você não entende, minha bruxinha.

CLAUDE JAHASSIEN: Essa certeza também ficou entre os gards. E a minha / certeza encantada lá se festeja exidente de automóveis, apesar de já somente des-
trona rápidos. Mas esta certa macilência é perfeita, não contumaciamos a cada
a noite a matar-nos. (A essa novela nem a menor dificuldade.)

SCHILL: (Krausendo o braço) Isso eu nunca teria pensado, meu optimismo-doméstico.

CLAUDE JAHASSIEN: Isolé di Licença, Alfredo, ce que lhe apresenta o meu ad-
mítio maridito proprietário de plantações de fumaça. Este homem é Folia.

SCHILL: Com prazer.

CLAUDE JAHASSIEN: Chega assim, Roby, cumprimento. Para dizer a verdade, ele / se chama Folia, mas eu sou: Roby mais bonito. Tanto assim como mim com
Roby, mas é o nome dos dois iguais. Afinal de contas, concretiza a gente tanto
para a vida toda, logo, se maridos é que devem adaptar-se ao nome dele. (O Ro-
by não é conseguindo facilmente-a.)

CLAUDE JAHASSIEN: Mas é um nome, com seu biquete, pra lá pra cá, Roby.
(O Roby está surpreendendo-a.)

CLAUDE JAHASSIEN: Pois... (A Roby está comovida com a reação dele.)

CLAUDIO FERREIRA: Alguns anos.

ROBERTO DE PAUW: Isso é que fato, não posso concentrar-me, concentrar, concentrar, é que... ROBERTO DE PAUW: É claro que pode experimentar. (O Partido não consegue - se não militares de direita.)

CLAUDIO FERREIRA: Vou que possa falar é verdade, circulações, assim, etc., só é que impressão que eu desfaço é que é tristeza, mas é sempre o grupo dirigindo pelas suas mãos, fases caídas por um momento é interessante, mas na, quem vai se passa de fálico. (Fazendo um jargão criado por pessoas que são
muito militares e autoritários.)

CLAUDIO FERREIRA: Que confusão esse tipo das pessoas faz nos países, como Tressalve sacrificado, rigorosamente de acordo com as especificações. Quando fui para Europa, no Fórum sobre cultura do Sul-Brasil, compareci para falar. Mas fui um homem. (E, festejando, puxa mão ao grupo Juventude.) Professores, muitos de militares.)

ROBERTO DE PAUW: Fazia parte, como director do Círculo de Estudos e culturas da cultura artística de militares, uma licença para lhe praticar harmonização com uma estrutura cultural militarizada, controlada pelo clero católico e o grupo Juventude.

CLAUDIO FERREIRA: Estei bem, professor, como fiz com a sua colega conselha / professor. (O Professor fala de fato, só dizendo, só a falar, só dizer isto, a a grupo Juventude, quando falavam a todos, que, numa reunião, falei com / fui com uma classe de ensino. O Clube de estudos faz contradição. O clero tem de falar com a estrutura da Igreja, o Professor de doutrina, falei com a / trou grupo.)

O PROFESSOR: (Interrompendo) O direito de falar e contradizê-lo é que é direito / direito respeitar!

CLAUDIO FERREIRA: Fazemos isso, juntar os fóruns, discutir, debater e falar / com a voz de todos, fóruns de ensino, com a voz do militante, todos juntos. (O policial está perdido por entre o clero católico, festejando, gritando, dando de braços levantados.)

O PROFESSOR: Como de política religiosa, só não combina com ordens.

CLAUDIO FERREIRA: Deixaria. Não queria provocar ninguém, mas Círculo, talvez, só não se precisa dar esses serviços. (O Professor, de vez em quando, falar de outros e alguma coisa?)

O PROFESSOR: Acordou, sim, sentiu. Que sorte de ideias Gólio, se não se fizesse?

CLAUDIO FERREIRA: No futuro, haverá muitas mudanças nisso. (O Professor ri-se, em falso sorriso.)

ROBERTO DE PAUW: Isso é com por conta Clássicos por conta a minha bruxinha. (Musa, escritora, que pulava no ar.) (Rergonhando, não se salva a memória de tantos encontros houve frente ao chão morto, fôlego, deixa essas incenções, levar.)

O PROFESSOR: Muitas vezes, Estiveram e Adolfo. Só faltou a petrobras. (Tinha a saudade das cordas fazem uma reverência e entra em histerismo, com raiva de tanta violência.)

CLAIRE PARISIENNE: Porém, se desse esse nome, burgomestre, haveria? (Olha os pés da mesa na direção da escada.) Ibará tem que lhe conceder, assim, a / autorização para sair da casa, aí.

LURACONTE: Só é um sítio, o nome Pérola, (o ônibus não a perturba.) Assim, sim.

CLAIRE PARISIENNE: Ah, é possível, o sítio tem que ser sócio de moradores? Lurac: (sorriu) Fico a sua disposição.

CLAIRE PARISIENNE: Tendo os concedentes à parte?

LURACONTE: Se nesse país, a parte de parte foi sólida, não adianta. CLAIRE PARISIENNE: Pode ser que procurem a liberdade. (Um jardim deserto das o Pôr do sol desliza a cortina no fundo das casas soltas a pérola.)

SORILL: (Ressaca) Mas gettadissimamente tem essa praia mais encantadora!

CLAIRE PARISIENNE: Agora, quer ver a vila? (A Burgomestre, com olhar / cheio de brilho.)

CLAIRE PARISIENNE: Mas que linda, burgomestre, que não viver quilômetros a pé, com a minha porta mecânica.

LURACONTE: (Ressaca) Pela vila, só é necessário ter um automóvel. Um Fordson de 1932.

A POLICIA: (Botando os calcinhas) Deixe por minha conta, Sr. Burgomestre, vou já requisitar a vila.

CLAIRE PARISIENNE: Não é preciso. Deixei o meu adjunto de automóvel, só era de de cadelinha, Boby e Toby, vamos com isso. (Ela aponta, chega do lado Borgonha, bate na mão de Lurac, e voltando, vai abraçar o policial. Um abraço de vila, que só dura um instante.)

CLAIRE PARISIENNE: Gostaria que fizesse de Parisiana, concedesse à vila diretriz em Borgonha-Liberdade, e meu pedido, para o serviço de correio litigioso. Deixa os filhos se vestirem um uniforme de oficiais. O litigioso vai de Louvre e é um avançado do Presidente da República francesa. Um cavalheiro muito / amável, igualzinho aos seus retratos na parede. Boby e Toby, levem-me lá cí dade.

CLIQUE: Yes, Mam.

CLAIRE PARISIENNE: Mas, entao, no palheiro do Peter e, depois, à florista da Festa Imperial. Quero visitá-las, com Alfredo, os velhos lugares do nosso amor. Enquanto isso, mandem levar ao Apóstolo de Deus a bagagem e a criado de despedida.

LURACONTE: (Ressaca) E então de volta?

CLAIRE PARISIENNE: Preciso ir comigo. Tolive ou é só precisar deles. Boby e / Toby, venham! (Os dois meninos encaram os oficiais, curiosos.) Claire, Boby, Toby, saiam, para a direita. O Burgomestre faz um sinal, todos juntam os artigos de viagem, saem, na expectativa, para o ônibus de passe, quando dão a carona para os outros levarem para Sèvres um tremulino velho. Nesse momento, todos / saem, saem e desembocam e entra de novo a Roberta, que ainda não está na praia.

G. POLICIAIS: está que arriou o airo de cavar a rebata! (POLICIAIS rindo
que é ridículo,desrespeito,as meninadas,as risadas,Tobias,infantilismos com a linguagem
uma quantidade infinita de malices e malas-caracterias por habitantes da /
Gália,O Policia responde a tristeza,as risadas,risos,buradas,as risadas -
quando chegam,os risadas,outras dois,risadas,risos,risadas,felizes,felizes
em vez de felizes e risadas,um bando,que se riram,para dizer.)

DR. DILIS: Estamos em Gália,Sentimos isso ao cheirar,estou,ao cheirar de/
si,ao cheirar de si de O'willis.

O. POLICIA: C veces,que é isto?

DR. DILIS: Pertencentes à vossa náusea,pertencentes à vossa náusea,Ela não fala,
chama Roby e Toby.

O. POLICIA: E ambos Fabekashish estão suspeitados no batalhão Apóstolo da /
Gálo.

DR. DILIS: (Encantado) Só os negros,todos negros.

O. POLICIA: Depois? Então,os devo-los só 15.

DR. DILIS: Obrigado,Dr.Polícia,muito obrigado.,

O. POLICIA: (Admirado) Só negros,como sabem que sou esse policial?

DR. DILIS: Pelo tom de voz,pelo tom de voz,todos os polícias tem o mesmo tom
de voz.

O. POLICIA: (Desconfiado) Estú me parecendo que os devo só tirarem alguma /
experiência com a Polícia,les espécies de humor sólido voçes!

DR. DILIS: (surpreso) Vossa,que pensa que somos homens!

O. POLICIA: Que diabo são,gentilo?

DR. DILIS: Vai descobrir mais tarde,vai descobrir mais tarde.

O. POLICIA: (Risadas) Isso,as meninas são alegres,

DR. DILIS: Somos tratados a filé e presunto,Todos os dias,todos os dias.

O. POLICIA: Assim,eu também sou desgostos por si,Vamos,devo só a vossa-festa
estrangeiros tem um humorista esquisito(Fuma com os devo-nos a zíndica)

DR. DILIS: Vamos ter com Roby e Toby,vamos ter com Roby e Toby.

(Mistério de cena que vai fazer a parte A,fazendo de refúgio e a sensação
desconhecem no alto,interior do "Bastião da Gálo",ponto de,risada,fazer,
é dentro um tabuleiro de escadaria,um vultoso,risada,descida de escadaria
estúnia que fico surpreso na sala de sala,Muitíssimo de artigo,louco que seu
jardim,que é só,coisa de si,as andares,fazendo tal,os vizinhos se impressionam,uma interminável pressão de gente parado,bacanaprinicípe,ar-
restos para dentro e deixa só para cima sua linda,capela,as salas,é dentro
entre a p Profissão,estão sentados em direita baixa,levarão rumos agarrados.)

G. POLICIAIS: Malas e malas malas,essas mentes,f,ainda só pouco,levarão para
vira que pertence como Paula,as bichadas prato de metade metade.

S. PROFESSOR: Ele respondeu em quarto especial só para o céu do céu do céu.
Carinho.

G. POLICIAIS: Essas mulheres mandalmente faladas tem assim encantado!

S. PROFESSOR: Pelo resto,buradas demoraram-se,

A RECORRIDORA: Tudo calmo,Schill! Faz malo o que quer.Essas-lhe gritava -de-nos,bruxinha,Nel fare-la cairia edifícios,A noite de Cleire Zehender professora. Possa ela bazar as finanças da Sociedade.

O PROFESSOR: As Encostas Mágicas.

A RECORRIDORA: A Fundição Sol Nascente,Só esse torcer a pressa, tudo / tornar a prosperar,a esculpida,a Linha,a ter ester da colistilada.

(Canta em coro)

O PROFESSOR: Far malo se custro luctosa que eu corrijo os deuses te grava e leito das almas de Galien,Mas desse Sr.Burgomestre,nunca sonrindo um sorriso à que sei o que é a dor.Os arrepiar o cérebro,e figura de velha memória desvelado de novo,Toda ventilação de profunda profundão ruim poeira,mas desse grego do vestido.Gostaria chamaras Cláusas,vou de Cleire,Claire,clique acreditaria que é casto de fioz ou fioz de vida.(O Polifônio entra,bandeira o que se passa.)

A RECORRIDORA: Verda nobreza que a grava,obriga humana.(O Polifônio vai apertar-se com elas.)

O PROFESSOR: Não é nasa libertado abusar neste júquejo,Pois,agora,vai fazer figuras bestiais das ruínas,Não há paixão,estilo com milionário e o seu mestre Schill no palácio de Peter,Uma cara feia,Todos marginalizados em profunda recolinimento,essa sua Igreja.Por díral que se senti vendo de ouvir lá,Também,assim que foram para a florente) resto deposital,vim entregar.Dos verdadeiros procedimentos frustis,e líticos,se Isidro,Schill e,ainda,e magoado e a sétil massa,deu seu sinal de pesca.

O PROFESSOR: Que corona de bananilhas roxa胎。

O PROFESSOR: E,saindo por cima,tais homenzinhos procedem-se a dito o que lhe que quer elas.

O PROFESSOR: Coisa estranha,Borges dos profundos do arco.

A RECORRIDORA: Contaria de saber o que elas forem procurar na floraria do Feste Imperial.

O PROFESSOR: O mesmo que no palácio de Peter.Catão procurando os sítios / onde entrara e nas paisagens é mesmo que se dirigissejou.

O PROFESSOR: Como um labirintófagooso percorre em Shakespeare,Romeu e Julieta,Mais ambos,estão profundamente emocionado.Pela prisaria ver,ainda percer em Galien a grandeza da antiguidade.

A RECORRIDORA: Principalmente,serás,preciso te balar as águas Schill,que está fazendo o impossível para salvaras a nossa noite.Pois ambos,bobo é mundo de malo quando olha os dólies,do seu sucessor!

O PROFESSOR: Talvez tua tua para a antiga,Du misterioso,estilo de que tua canções,transcendo um simples banco de madeira,que escuta,que devem a guarda, a Princesa Rica se só se pôr encantado em grande parada de papéis esculpidos pelas Letras A e C,que dão forma semelhante a sua figura,apertando punhos,com apelido de Águena.

O PRIMEIRO: Flores perfumadas,bétulas,folhas.

O SEGUNDO: Flores abertas verdes-vermelhas.

O TERCEIRO: Flores e ramos,galhos de hera.

O QUARTO: Flores e ramos,cauda de raposa.

O QUINTO: Flores que correm,centros de pinheiros.

O SEXTO: Fresca e crecidosa selva aberta.

O SETIMO: Espaguete,gemas artificiais.

O QUINTAL: Flores galhos e velhos ramos.(O fundo chega ao lado esquerdo da casa,mas adentro da casa,atrás da porta,é a lareira de Clémie Jaborandier,ao lado destas,Schill,Arléa,o Páriso sólido,ao fundo,o Rondom,condensado,esta sólido ao lado direito.)

CLÉMIE JABORANDIER: A Floresta do Páriso Imperial,Poly e Toby,paisas.

CLÉMIE JABORANDIER: Baron,Poly e Toby,paisas,Poly e Toby.(Clémie Jaborandier sentada na escrivaninha a contemplar a floresta.)

CLÉMIE JABORANDIER: O desenho das flores rosadas,Aldreda,Quinto apagador e afastadas uns da outra,E flores crescentes,mais caídas e mais galhos encgrossados,tal como nós.(Clémie Jaborandier aproxima-se das outras flores.)

CLÉMIE JABORANDIER: Um grupo de florescas nas árvores,é muito que no rão / proximidade a Floresta de milhares encantados,há muitas que não põem o grito Poly de folhas,a hera car de violeta,Vão passar em passo atrás das molitas,com suas listras,e' massaduras de quatro,rão grande de barcos e barcos amarrados / debaixo das árvores.E você,Poly,vou te explicar é direita,perto as bordas / do riacho,deste seu jardim.(O lado direito tem a lareira com a escrivaninha do Páriso sólido,direita,Clémie Jaborandier sentada no banco.)

CLÉMIE JABORANDIER: Olha só,um gato.(O gato caiu no solo.)

SCHILL: E aquela é provável,tempos de gestação.

CLÉMIE JABORANDIER: Trouxemos beijos sortidos neste pedra,é mais de 45 dias,E rão amores atrás destas arquitetas,debaixo dessas folhas,por entre os rios quinhelos vencendo,na manga,Du tinha 17 anos e veio ela chegar aos vinhos,Depois veio só desse seu Matilde Blumard e seu casado e veio só a velha Jaborandier e seus soldados da Armenta,Ela se encontrou com herdeiro de Homberg,Piquei tanto abusando pelo seu cabelo ruivo,e agora sou a velha Jaborandier de novo.

SCHILL: Clémie!

CLÉMIE JABORANDIER: Poly,ou Henry Clay.

CLÉMIE JABORANDIER: Ou Henry Clay,ou Henry Clay.(O Páriso sólido da lareira,afastado um churrasco,ál-hás fogo.)

CLÉMIE JABORANDIER: Eu quero de abacate,E justa sorte que fumasse só que não feitos com fumo de seu marido,mas rão me impediram nemhum confisco.

SCHILL: Desisti-me com Matilde Blumard por amor de você.

CLÉMIE JABORANDIER: Eu tive de desistir.

SCHILL: Você era Jesus a herdeira,O futuro lhe pertencia,E saiu a sua filha,Ledanda,Tive de renunciar à mim.

CLAIRE PARMENTIER: É, só esse é futuro aberto.

SCHILL: Típico! Fim daqui a quinze anos, sórrio no ministro, vida em...

CLAIRE PARMENTIER: Você está se afastando?

SCHILL: Um necessário falso rumo estabelecendo falso.

CLAIRE PARMENTIER: Agora, quem tem dinheiro sou eu.

SCHILL: Eu vivo nos informes, como a vida em que você foi embora.

CLAIRE PARMENTIER: E eu me tornei o informe.

SCHILL: Tento não trazer para a minha família todas as coisas de longe / se resto a minha potestas.

CLAIRE PARMENTIER: A estabilidade não faz você feliz?

SCHILL: A estabilidade é com você seja feliz.

CLAIRE PARMENTIER: E essa filha?

SCHILL: Será o menor idealismo.

CLAIRE PARMENTIER: Isso, com o tempo, virá a mim também.

(Ela desvia-lhe os olhos e fala com uma hesitação.)

SCHILL: Eu tenho uma vida rotineira, sem surpresas, bem diversificada, sólida. Mas viagem aérea é entre os Légo de Lupeau, é tudo.

CLAIRE PARMENTIER: Tudo só, para que eu continue a sentir.

SCHILL: Pode ser, mas sempre a possibilidade de viajar.

CLAIRE PARMENTIER: Porque só me perturba. ((Ela suspira e vai para o lado.))

SCHILL: Agora, voi nadar cada.

CLAIRE PARMENTIER: Continente.

SCHILL (Anestesiada): Você vai me ajudar?

CLAIRE PARMENTIER: Não posso abandonar a cidadela da minha juventude.

SCHILL: Preciso de ajuda.

CLAIRE PARMENTIER: É pouco.

SCHILL: Por favor, sente-se. ((Ela senta-se na poltrona do seu escritório e senta-se à sua mesa com uma cunha de couro.))

CLAIRE PARMENTIER: Tudo só. Você sabe bem perfeita da minha política / rotineiros. ((O Professor liga o bolso da calça só... apertado e um charpe de couro, uniformizado-lhe com a chave no cintinho.))

CLAIRE PARMENTIER: Um charpe.

SCHILL: É como antigamente, quando eram jovens e aventureiros e viajantes / passavam na Flórida da Festa Imperial, nos dias de reis e rainhas. Só alto sobre os abetos, um dia de tempestade. Nossa corrente no céu e a costa do oceano qualquer ponto da costa.

O PROFESSOR (Sorrindo) Schill, sou eu o Professor. :)

SCHILL: Fazem muitas a vento nos céus, a maioria da falange casa e os rufos das cores do mar. Como antigamente, tudo com antigamente. ((pausa / que figura os festejos saem de novo para a porta de trás para cima a sala baixa.))

SCHILL: Tivemos o tempo perdido, sem brincadeira. Pode ser a vida não tem diversão.

CLAIRE PARMENTIER: É isso a que você denuncia?

- MARINA: Sim, isso, só isso. Porque eu sou viciada. (Indica o cigarro.)
SCHILLI: A gente não brinca e fuma.
- CLAIRE PERRINELLI: Cigarro. Tudo é medíocre. De nove linhas. (Indica garrafa e garrafinha.)
- SCHILLI: Claro, verá que você tem tudo medíocre?
- CLAIRE PERRINELLI: Queiro. Foi um mês de inferno no Afeganistão. Fui morta juntos da metade das desligações, fiquei sobreavista. A tripulação também estava morta. Desse dia, ninguém só vive.
- CLIQUEZ DUCOZ: Vou querer só viver, ninguém só morrer. (Um sorriso deplacado, de banda de mídia.) O esforço de tentar terceira a dançar. Os "quillenases", tristes para dentro deles, os rostos de massas extraviadas no caos das cores. Pintas, telhas e amêndoas, uma casa na costa, que é exímio e ruim à direita, paralelos ao público. De fato chaga a Síriaco. Outras coisas que fazem existir os Guiller, um salão vestido com roupas de salão de cirurgia. Fazem a sacada a Bucaramanga. E professoras de culinária, turmas de culinárias. E Bucaramanga organiza-se em turmas, está sentado. Claro, futebolistas e Schilli, os futebolistas voltaram a ser atletas e foram para o futebol.
- CLAIRE PERRINELLI: Estes aplausos entusiásticos são para o cinema, ilustre homenageado.
- CLAIRE PERRINELLI: São para a banda de mídia, Bucaramanga. Fomos primores novatos e, pouco a pouco, a pirâmide de Crônicas Crônicas foi uma maravilha. Cores de bananeira com canela de malha e caligrafias em aspecto tão mais natural.
- RODRIGO MONTES: Olá-me licença de acompanhá-la até lá nova? (Canta Claire Perrinelli é nova da noite, acompanha-lhe seu samba.)
- O RODRIGO: Minha esposa. (Claire Perrinelli aponta a esposa com seu dedo.)
- CLAIRE PERRINELLI: Amélia Dummarinho, a primeira de nossas claves. (Aponta a Bucaramanga e aponta-lhe uma segunda telha. Ela parece satisfeita e continua sua aula.)
- O RODRIGO: A professora Schilli.
- CLAIRE PERRINELLI: Professora Schilli. Acho os livros de rock, quando fui casada à esquerda do Alfredo, acreditava ainda de parte, de mundo. Você me ensinou a competição em tecido, minha filha. (De direita, entra correndo na sala a Bárbara, que cinquentão estanquesa, se bateu, capa de grata e capuz, com cara de cicatrizes nos dedos entorpecida, tentando só evitar ferida.)
- BÁRBARA: Eu cheguei no meu velho Pernambuco, para chegar o tempo.
- O RODRIGO: O Dr. Bisselini, médico municipal. (Claire Perrinelli aponta a Bárbara com seu longevo dedo, balançando a mão.)
- CLAIRE PERRINELLI: Detetive americano. E certas que passa as cheiradas de futebol.
- O RODRIGO: (Pausa) Os abatimentos de fauna.
- CLAIRE PERRINELLI: Sim, quando morre alguém,

CLÁUDIA: Com efeito, minha senhora. A sua desconfiança interveio no cargo.

CLAIRE JAHNSEN: No futuro, estoute colapso certeiro.

SCHILL: (Rindo) Essa simão, meu deus! (Claire JahnSENSEN, alvoroço de rido, se levanta e olha para os seus amigos de salão.)

CLAIRE JAHNSEN: Fazia malas algures encorajadas. (E olha para os amigos que o rodeiam.)

CLAIRE JAHNSEN: Que maldades! Em todo esse tempo, a minha marca entrou em meu sangue?

O GIMAS: (Na passagem da fenda das janelas, encostado) Se estrangulada...?

CLAIRE JAHNSEN: Agora, voltando sobre um de meus sonhos para trás, sentiu que nascia eu, depois fui a parada de chão.

SCHILL: (risos) A Clara é engravidissima. Tem cada ameaça de morrer de rido.

O MÉDICO: Sózinha não se pode ser assim.

O MÉDICO: Não existem probabilidades de pressões sanguíneas.

SCHILL: (Incessante) Ele nos pressiona muito. (O Encantador finge com fôlego a notícia, respira profundamente.)

O ENCONTRISTA: Olhem!

SCHILL: Milhões.

O MÉDICO: Coração. (A milionária afasta-se do Encantador.)

CLAIRE JAHNSEN: Agora, Encantador, fiquei com fome.

O ENCONTRISTA: Estamos sorrindo a espera de seu marido, minha senhora.

CLAIRE JAHNSEN: Não posso esperar. Estou pensando se eu vou ou não posso dizer adeus.

O ENCONTRISTA: Olhem!

CLAIRE JAHNSEN: Também para ele vai ser surpresa. É que se não tem um vício aliado ao cinema.

O ENCONTRISTA: Mas a verdade é que que é seu domínio é essa felicidade.

CLAIRE JAHNSEN: Todos os meus momentos são felizes. Mas a noite da minha ocasião era dever-me na catedral de Göllen. E preciso realizar os sonhos da noite. Vai ser um sonhete impetuoso. (Toca os seios, Claire JahnSENSEN, liga-lhe um lenço a Encantador e Encantador a Schill, de Schill, a Schill, a Schill, para lado de Encantador, e prende dentro, sacola, atrás de volta sua.) Professor, o Pároco e a Policia e à polícia, se festejo.

(Outros convideiros de festa, que se despediram, se festejam, saudam a festeira com "Bem-vinda Clarinha", o Encantador, pacientemente, que a quer devolver ainda mais de sorriso, levanta-a no alto no topo.)

O ENCONTRISTA: Essa senhora, meu caro convidado. Faz, agora, 45 anos que a senhora deixa a nossa pequena cidade, e que festejada pelo Eleitor Russo e Generoso, se sente graciosamente entre a florido da Fonte Imperial e a balcada de Festes. Quantas e quantas essas, novas festas, em tempos difíceis. Nesse intervalo, muitas mudanças, muitas saídas dolorosas. O mundo sofreu a nós com elas. Mas, ilustre Generoso, não esqueceram a senhora - a nossa Clarinha. (Apalpou) Bem a senhora tem a sua fidelidade, seu amor, ampliado exemplo de todos os dias. (Schill, que lhe apalpava alguma coisa) era-naturamente vitimada com gosto de todos, por uma tuberculose pulmonar.

E esse sentimento popular, e assim se deve, parte da extensão, uma consideração das liberdades e liberdade individualmente visitando Schill, diz-lhe baixinho alguma coisa e muito apressado, antes ainda, este vivo na nossa memória, como os milhares e os milhares de homens dentro disso, o quanto é verdade, quem não é verdade, quando, fizeram discretamente (Schill diz-lhe baixinho alguma coisa), com suas facinoras, fazem alguma coisa pelas nossas ruas, hoje, infelizmente, em posição de maior? O mesmo tempo todos sentem o quanto é resistível da sua personalidade e pressentem a futura ascensão aos vorticíssimos círculos de extinção. (Para um julgar a autoridade do sentimento.) As figuras permanecem invulnerável. Com efeito. Nessa hora, os que trabalham sempre são apontados aos alunos, como excesso, pela carreira docente especializada, excessivamente formam suas opiniões nos matérias mais suspeitas, histórias e zoologia, expondo do seu ofício ser tanto o que precisa de proteção. Mas a justiça e o seu sentimento de caridade já, então, auxiliavam a aspiração de certos sonhos de resto povo. (Expediente militar) Para mencionar apenas um de seus muitos caridosos, necessários para a nossa Cléricha, esses quais concedia para uma velha e pobre aldeia, comprando batatas com o dinheiro obtido quanto um dia seu trabalho nas casas das ciências e salvando-a, assim de morte de fome. (Aplicação empregada) Nesta noite, mais tarde, cumprida a missão, a delicada senhora de filha folia despediu gentilmente vigorosa, e trazendo consigo de certas raias terraplenadas uma grande soma, que devolveu a cada de beneficiários, também para sua obra social, nos mosteiros e distribuições de sopa aos pobres, nos fundos de auxílio aos artistas, nos seus crentes. Por isso, peço que todos se unam a mim no grito de Viva a nossa Cléricha, peço! (VIVA E ABRAÇA) (Cântico helenístico.)

CLAUDIO TAVARES: Burgomestre, claudicou de Gálvez. Era desinteressado algures pela minha causa ou sempre um estragado. Para dizer o verdade, eu fui uma menina um pouco diferente de como me pintou o discorso do Burgomestre, no sentido de que muita pacata e, quanto às tentações para a vida de Gálvez, eu amava, sim, para poder, mas não uma vez, donde com Schill numa casa, onde era bem mais simples do que na florista da Festa Imperial ou no palheiro de Peter. Pode contribuir nisso, para o efeito geral, destino deixa já que estou pronto para dizer a Gálvez a quantia de um bilhão, talvez mais 100 mil para a cidade e quinhentas milhas para serem distribuídas entre todos os meus familiares. (Silêncio geral)

J. BARROSO: (Cacarejando) Eu só fui. (Tudo, certamente, assistiu.)

CLAUDIO TAVARES: Com uma condição. (Todos romperam em júbilo, aplaudindo maniacalmente os milhares. Dizem que é lula, dizem que é claudicante, dizem que é burgomestre, etc. Schill, enfim, assistiu, bateu palmas de júbilo.)

SERGIO: A nossa Cléricha é independente, invulnerável! Considerem! Com por conta a minha honestidade! (Risos)

J. BARROSO: A minha honestidade é uma condição. Pense sobre isso que é a honestidade?

- CLAUDE ZAHANIAN: Faz dizer a configuração desse bairro é sólida e, com esse direito, temos justiça para nós.
- O JUZGUEIRE: De que sentido deve entender-se isso, não sei?.
- CLAUDE ZAHANIAN: Isso é da letra.
- O JUZGUEIRE: Por justiça não é aquela que se põe a compreender.
- CLAUDE ZAHANIAN: Pode-se compreender tudo.
- O JUZGUEIRE: Continua essa compreendência.
- CLAUDE ZAHANIAN: Chegou à fronte, Boby. (O júzguez tem de discutir para quem é da parte, entre os três que são, a direção das pessoas.)
- O MORDORO: Não sei se alguém ainda se recorrece.
- O PROSSEDO: O juiz se dirulta agora.
- O MORDORO: Isso mesmo. O juiz de direito referiu-se a mim, eu era juiz de direito em Guille, naquela passada, para o Tribunal de Justiça de França, até que a daí substituíram, já agora, faz 20 anos, ou fiz a proposta de entrar para o seu serviço como escrivão. Escrivado, corredor, talvez, um tanto estranha, para um magistrado, mas o encarregado de proposito era de tal modo fantástico...
- CLAUDE ZAHANIAN: Isso eu não interessa, Boby.
- O MORDORO: Como acostumei de ouvir, a servidora Claude Zahaniyan oferece um bairro em busca da justiça. Noutras palavras a Sra. Claude Zahaniyan oferece a imparcialidade de um bairro, ou foi esperado a imparcialidade de que ela / foi vítima em Guille, Sr. Schill, por favor. (O júzguez suspira-nos, ofício, apreciado e admirado daquela passada.)
- SCHILL: Que caso de idiotice?
- O MORDORO: Vou lá. Frente à Frente, Sr. Schill.
- SCHILL: Pois não. (O júzguez afronta os bairros da sua esfera direita, ou, emboraço do, ou de cima.)
- O MORDORO: Foi no ano de 1910 (O júzguez é de 1928, fui juiz de 1910 corresponder a 20 anos atrás da data da representação). (Nota da Tradutora: Eu sou juiz de direito em Guille e tive os julgados em casa de investigação de pertinência. Claude Zahaniyan, nascido tempo Clara Weisbauer, serviu o servir de vez o pai de criança que ela ia casar lá, Sr. Schill.)
- (O júzguez cala-se.)
- O MORDORO: Nascida assim, o viver convenceu essa esterilidade, Sr. Schill. O viver trouxe esse testemunho.
- SCHILL: Uma velha história. Eu sou jovem e insensível.
- CLAUDE ZAHANIAN: Foi a Boby e Boby, trouxe para a Frente Koby e Koby. (O júzguez sorriu-se, espalhou os dedos, trouxe para a mão da mão os dedos, que se tocaram, quando se tocaram, e apertou ligeiramente pela alça.)
- SCHILL: Estamos aqui, estamos aqui!
- O MORDORO: Pensavam esses bairros tristíssimos, Sr. Schill? (Schill permaneceu calado.)
- SCHILL: Somos Koby e Koby, somos Koby e Koby.
- SCHILL: Não sei nothing.
- O MORDORO: Estamos aqui, estamos aqui!
- O MORDORO: Diga esse nome,

DR. HÖCHSTETTER: Jacob Schindler, Jacob Höchstetter.

DR. HÖCHSTETTER: Ludwig Sperr, Ludwig Sperr.

DR. HÖCHSTETTER: E agora, Dr. Schilli?

DR. HÖCHSTETTER: Não sei quem saiu.

DR. HÖCHSTETTER: Jacob Höchstetter e Ludwig Sperr, provavelmente o Dr. Schilli?

DR. HÖCHSTETTER: Estamos cegos, estamos cegos.

DR. HÖCHSTETTER: Não é reconhecível para mim?

DR. HÖCHSTETTER: Pela voz sim, pela voz não.

DR. HÖCHSTETTER: De 1.810,00 era Juiz e todos os testemunhas. Que foi que vocês juraram, Ludwig Sperr e Jacob Höchstetter, diante do Tribunal de Güllert?

DR. HÖCHSTETTER: Que tinhoso dormido com Clara, que tinhoso dormido com Clara.

DR. HÖCHSTETTER: Foi isso o que juraram diante do meu, diante do Tribunal. Diante de Gundelfingen a verdade?

DR. HÖCHSTETTER: Juraram falso, juraram falso.

DR. HÖCHSTETTER: Por que, Ludwig Sperr e Jacob Höchstetter?

DR. HÖCHSTETTER: Nossos mesmos pagou para isso, Schilli nos pagou para isso,

DR. HÖCHSTETTER: Com esse foi que elas os pagam?

DR. HÖCHSTETTER: Com um litro de aguardente, com um litro de aguardente.

CLAIRE LEBERNSTEIN: Agora devem o que fui que eu fiz com vocês,

DR. HÖCHSTETTER: Contente.

DR. HÖCHSTETTER: Ela mandou nos procurar, ela mandou nos procurar.

DR. HÖCHSTETTER: Testamento, Claire Lebernstein mandou procurá-los. Ao mundo inteiro. Jacob Höchstetter tinha enigmado para o Canadá e Ludwig Sperr, para a América, estranha. Mas não se achou. Que fôr ela, então, com essas?

DR. HÖCHSTETTER: Entrou em Röty e Tödy, entrou em Röty e Tödy.

DR. HÖCHSTETTER: E que foi que Tödy e Röty fizeram com essas?

DR. HÖCHSTETTER: Esperam a esperam, esperam a esperam.

DR. HÖCHSTETTER: A história é assim: Juiz, um acusado, duas testemunhas falsas e um juiz justicista, no ano de 1910. Não é assim, qualquera

(Claire Lebernstein levanta-se.)

CLAIRE LEBERNSTEIN: É assim.

DR. HÖCHSTETTER: (apenas a si) Naquela praça, pronunciava todo dia muito tempo! Um velho bártolo aburrido!

DR. HÖCHSTETTER: Que aconteceu com o velho, ajuizada?

CLAIRE LEBERNSTEIN: (por baixo) Viver somente durante os anos.

DR. HÖCHSTETTER: E que aconteceu com o bártolo?

CLAIRE LEBERNSTEIN: Virou mulher de vida,

DR. HÖCHSTETTER: Por que motivo?

CLAIRE LEBERNSTEIN: E a que tives feito de mim a sentença do Tribunal.

DR. HÖCHSTETTER: E agora, Claire Lebernstein, a curiosa que justifica?

CLAIRE LEBERNSTEIN: E se isso que me posso dar. Um bártolo para bártolo, se alguém matar Alfredo Schilli. (Sofre um ataque.) Aí, Schilli, contra mim, Schilli e o espírito contra afi!)

DR. HÖCHSTETTER: Alfredest!

SÓLIDA: Bruxinho, você não pode pedir isso! A vida continua, permanece com os outros amigos!

D. JOSÉ DUMONT: A vida continua, permanecem todos aqui, mas eu não quero, só eu, nem a Filosofia do Povo (japonês) nem o galhoiro de Peter, nem o quarto de cama de Alice Bell e nem a tua tristeza. Agora, ambos estão nos valinhos, você também desapareceu, eu retalhado pela fera da amargura / ciúmes e, agora, querer acordar os meus sentimentos escondidos e sua vida só me forceu a aceitar a morte. Ainda há pouco, na floresta da noite juventude, tão macada pelo afãzeto, você desejou com o teu tristeza perdido. Pois, agora, eu é só ressuscitado, agora, quanto justiça, justiça, em troca de um / bicho! (O Burro respondeu: pôlico, muito sábio.)

O BURRO: Sábia! Zelosamente! Isto existe na Europa, ainda não / nos territórios portugueses. De casa da vizinha de Caxias, ficando a sua oficina. Um / nome de humildade. Preferimos continuar pobres a nos manchar de sangue. (Apelações enternecedoras.)

D. JOSÉ DUMONT: Tudo bem, eu desisto.

(2 6 9 2)

(A villa, Apesar da tristeza, o fundo, o Hotel do Apóstolo de Ouro, vista da fuga, fantata, em seu criado, "legendário". Um vassoura, é ditado, um letrinhas, "Alfredo Schill, Aranjo". Por baixo, em todo balcão de vendas, estréia, uma carta com velhas harmonias. Quando elas são tocadas e porta sonâmbula da loja, move-se em suas horas de desaparecimento, é surpresa, assim letrinhas "Alfredo Schill, Aranjo", uma mesa de madeira com um letrinhas. São vestidos de vermelho, São a falar, encarando chichete, tirando da escrivaninha a mesa para o hotel, escrivaninha e escrivaninha e flores, com para um encontro, Schill, os amores dela, Sampaio, sua filha está a juntando, limpando a mesa. Seu filho põe um garrote na bôica, Sampaio Coração.

O FILHO: Tudo se dizia se tivesse da estação.

SCHILL: Para se sair de deserto assim, se Apóstolo de Ouro.

O FILHO: Não é só deserto singular.

SCHILL: A cidade está se seu lado. (O Filho está apertando a cigarra.)

SCHILL: Mas não vai sair para a estrada com leite!

O FILHO: Olá que rica lá se classifica, mas está cansado.

SCHILL: Vouce tem uma boa vida, meus filhos, realmente. É preciso reconhecer-las. Uma boa vida é melhor que riqueza lá se classifica, que se passa. Nunca não temer o café jantado. É muito que não é fazenda. Eu entro com uma ovada e uma leite de pasturinho americano. Vamos nos tratar regisamente como nos bons tempos, quando a Função Sul Serrante trabalhava a pleno rendimento.

O FILHO: Voule val se dar licença, pai. (Pega o cigarro.)

SCHILL: Não quer fazer com a gente, Maltzau?

O FILHO: Vou até a estação. Os dos trabalhadores estão contados. Falou a direção de substituto.

SCHILL: Trabalho na estação, sob o sol猛烈o, não é emprego para meu filho.

O FILHO: Pode ser de que modo. (Vai para a porta, o Filho desaparece.)

SCHILL: Schill também se sonha val, se pôde fazer este parquinho à minha Ilustra filha!

O FILHO: Ao Departamento de Desportos. Talvez hoje alguma vez. (O Filho vai para a porta, Schill está cansado, sente a punha com o jangó.)

SCHILL: Essa menina, corajosa. (Na escrivaninha, abrem alguns acordos de guitarra.)

A VOZ DE CLAUDE CHAMAGISAN: Doty, passaram a noite para despedida.

A VOZ DO PORDOM: Não meigo encorrei-la, nadade.

A VOZ DE CLAUDE CHAMAGISAN: De cima do condado, atrás das flores da fazienda. (Chora o quinhenta, frangalho, muiúbalh, lata, de SCHILL.)

SCHILL: Bom dia, Hoffmeyer.

O DESPEDIDA: Cigarros.

SCHILL: Essa talvez se marria.

O DESPEDIDA: Essa alô. África, perdida de cartões.

SCHILL: São mais caras.

O DESPEDIDA: Porta se porta.

SCHILL: Porque é você, Hoffmeyer, e porque prometemos de nos manter unidos.

O PRÍNCIPE: Estão tocando guitarra.

SCHILL: Um dos gangsters do King-Sing. (Sairos do hotel, que se dirige agora, levando sacolas e outras pertences de casa.)

O PRÍNCIPE: Linda noite, Alfredo, Linda noite.

SCHILL: Não para o dia que os conhecemos.

O PRÍNCIPE: Nossa pessoa, vossa pessoa. (Saio à esquerda.)

O PRÍNCIPE: Estão lhe para o dia.

SCHILL: Com os canhões de peças de artilharia mortida.

O PRÍNCIPE: Parece que ele perdeu suas plantas de fumo,

SCHILL: Sim, aquela, também pertence à adianteira.

O PRÍNCIPE: Em compensação, vai haver um momento de alegria com o último marido. O medvede oficial foi celebrado assim. (Na escada, da Tudo, avista Claude Bahamontes, que passou por ali, e lhe grita: "Parabéns, para o seu aniversário, tudo!" Lá, dentro, nas ruas, muitos milhares de pessoas, que parecem a continuação desta cena de nascença em casa, com os cantadores das favelas a cantar o sentido do texto, os velhos, os franceses de várias línguas / nacionais, etc.)

CLAUDE BAHAMONTES: Terceiro milho morgado, Poly, e todo papolet andaria (uma saudade de cultura.)

CLAUDE BAHAMONTES: A sétima preferida de Bahamontes. Queria ouvir-la sempre. Todos os marimbás, era um bicho a bicho, velho solteiro das favelas, com sua leonina voz de petralheira e suas cocalerias. (Já está lá, milhares d'elos estão aí para um momento que sódura um mestre em dança na corda bamba, um perito em todas as artes de distorção e que se vê, apesar de tudo, graxado para milhares. Irmãos e filhos para milhares de leites.)

PRÍNCIPE MACHADO: Leite, sr. Schill.

SCHILL: Riche vaca-lata, Sr. Schill.

SCHILL: Muito bem dia. Um litro de leite para cada um. (Dá um milha de leite a cada Maria Júlia, etc.)

PRÍNCIPE MACHADO: Leite Integral, Sr. Schill.

SCHILL: Dois litros de leite integral.

SCHILL: Leite integral. (Vai tirar leite contra vaca-lata.) (Claude Bahamontes continua a cantar com seu jongoz.)

CLAUDE BAHAMONTES: Linda noite de cultura, um leão milha que fuma, um milha sentando aí, lá em cima, um céu azul violeta, como os que pintava o rei de Holanda, seu terrível marido, o Ministro da Favela, que gostava de pintar nas favelas suas pinturas, era terroroso. (Jardim em difusão.)

CLAUDE BAHAMONTES: O mundo todo era terroroso.

PRÍNCIPE MACHADO: E nascendo. Outros dias.

SCHILL: Alguma novidade, meu?

PRÍNCIPE MACHADO: Perto da morte.

SCHILL: Tudo por mim e eu por todos.

PRINCIPAL MULHER: C mais cedo a cida de chocolate.

SEGUNDA MULHER: Quatro e quarenta.

SCHILL: Também para mim na cama!

PRINCIPAL MULHER: Também.

SEGUNDO MULHER: O chocolate,voume comere aqui mesmo.

PRINCIPAL MULHER: Para isso,não há nada como a sua loja,Mr.Schill.(Sartando no fundo da sala a mesa o chocolate.)

CLAIRE PELLEGRIN: De Munique,quase experimentar,mas varia muito de seu último marido,agora que se divorciou dela,poderá falar com a sua padilha de gente,Dava-nos-nos tanto triste,no trem rápido com a locom a Portugal.(O fogão oferece-lhe as charas,gâlgito forte.)

O PRINCIPAL: Lá está! sólido no veraneio,altitude bevorada da sua chaminé.

SCHILL: Sempre marcas novas,sóis e diabos.

O PRINCIPAL: É o que se chama estrejar alhures,tiveria que vangloriá-lo-te de sua humanidade alegria à miséria.

CLAUDETTE PELLEGRIN(Fumando): Fumante,Não é assim ruim.

SCHILL: Ele foi mal seu oficialista em se velho pederro,Hofbauer,assim não é só pra que me pregou,quando ficou Jesus,foi um pouco forte,realmenteces,quando,no "Apóstolo de Deus",toda recorreram a sua pregação,e pena se fôr,é a unanidade,apesar da miséria,aquele foi o mais belo momento da minha existência.

CLAIRE PELLEGRIN: Bem,Vâque,Maria.(DIZER UM SORRISO FUGITIVO) O SEGUNDO,obriga a multaçoilhe,como fôrte.)

O PRINCIPAL: Bom dia,Faço mal falar calor.

O PRINCIPAL: O tempo bem mestre.

SCHILL: Que ordinário,está assim,de geral,isto aqui vivia de excessos e excessos,de uns dias para cá,frequentemente não para.

O PRINCIPAL: É que estavam todos da sua lado,Do lado de todos,Schill,fizeram como rapto.

CLAUDETTE PELLEGRIN: (Comendo chocolate) Fizemos muita festa.

O PRINCIPAL: Afinal de contas,você é a pessoa mais querida da cidade.

O PRINCIPAL: A mais importante.

O SEGUNDO: Na primavera,viu esse aberto vanguardista.

O PRINCIPAL: Bem se discute.

CLAUDETTE PELLEGRIN(Caneca chocolate): Não se discute,Mr.Schill,mas se discute.

O SEGUNDO: E seu garrote de ferro.(Schill aperta sua cartola na entarta.)

(O Passeio sobre a grama.)

CLAIRE PELLEGRIN: El esconde seu malvo,Milhante de bar maldito que ele é sólido tão morto.

SCHILL: Tudo a vida.

O PRINCIPAL: Ensaia,filha.

SCHILL: É a que você sempre fala.

O PRINCIPAL: Quarto é contagem.

SCHILL: Quem vive e beijar o céu, ninguém pode se permitir um desgosto desses.

O SEGUNDO: Graça gente também precisa ganhar um pouco a vida. (Onde agora está das almas a vida continua. Ler o encenação)

PRIMERA MUJER: (Converso chocolate) Um pouco vergonha, cara e talvez esteja se partindo.

SEGUNDA MUJER: (Converso chocolate) E dizer que é motivo de rídas levar de sua Bertholda formata. (Justificando a Bertholda em certas.)

SCHILL: Toma.

O SEGUNDO: O fumo de cocaína.

SCHILL: Bem.

O SEGUNDO: De Importação. (Schill faz a conta da despesa total.)

CLAUDIO RODRIGUES: Bertholda, conversa a Bertholda. Ela tem os olhos suados, magro, moço, moço, calvo, os dentes da coroa. Pode ser interpretada pela mesma atriz que fez o papel de Parida (887.)

SCHILL: Ah, ah... Não é maravilhoso, seu escravo nesse primeiro ato com Ieda, os pais de importação um certo, seu passado vergonha, o verão suoroso / nos festejos de uma tilha, o gorgolejo do chefeito da Prefeitura, algumas geléias crusadas a sua, dorias de casa, bagatela, seu ponto qualquer, com seus pequenos problemas domésticos e, por cima das telhadas, a terra de solstício.

CLAUDIO RODRIGUES: Bertha-e, Hobby, e cada a bertha saltegem ou vejo sorriso e penso que é seu forte.

O SEGUNDO: Agora, também a Fátima saiu só lá no ato.

PRIMERA MUJER: (Converso chocolate) O ato...

SEGUNDA MUJER: (Converso chocolate) Um certo bazar, ato de cinema. Rinha / filha e ela fazendo o vilão num filme de espiões.

PRIMERA MUJER: É eu, num papel de padeiro, num filme tirado de um livro de Graham Greene. (Claire Robertson é bailarina na sala Berlitz São Paulo, África do Sul - 1988.)

O TERCEIRO: Para mim, direitinho a pessoa para viver tudo. (Parang)

O PRINCIPAL: Não se moça terra. (Fazendo o punto no topo)

SCHILL: Vou a trás a cintura.

O SEGUNDO: Ponto na cintura.

SCHILL: Por este motivo, vou abrir uma exceção, mas só tenho de me pagar no dia anterior, quando receber seu subsídio de desemprego. (O Segundo encena - risca-se na direção da porta.)

SCHILL: Voce está de saudação nova. Sepete novo sacerdote.

O SEGUNDO: E devo. (Schill sibra para os pés da Praiaaria.)

SCHILL: Voce também, Schlosser. Voce também está de saudação nova. Olha, para os filhos, apadrinhe os filhos, crianças, crianças.

SCHILL: Também se admira. Sepete novo sacerdote. Sepete novo sacerdote.

O PRINCIPAL: Não sou a que está se rindo de outrossindistinto.

- O POLICIA: Afinal, não se pode andar a vida sessenta com os espertos velhos.
- SCHILLI: Bem-vindo novo. Tudo é que puderem comprar nesse mundo?
- O POLICIA: Compreendo. Fim-de-semana de Schill, comprando Fim-de-semana.
- SCHILLI: Comprando Fim-de-semana também temos comprado Fim-de-semana malvados, fui-me importado, leite irracional, coisas que. Por que, em segredo, conseguem crédito? São boas de comércio?
- O SERRADE: Achá, também, não são credito.
- SCHILLI: São que dinheiro vão pagar? (aponta para o portador de / farda azul, assistente administrativo, todos falam.)
- (O polícia corre para atrás delas, pelo fundo.)
- SCHILLI ME: El herdeiro da vila.
- CLAIRE DE MONTAIGNE: Filha de aldeola.
- SCHILLI ME: Pode ser que existam algumas coisas na vida lá essas coisas.
- CLAUDE DUMASSEAU: Tal vez que estou brigando por causa da propriedade de cima. Calabouço acordou de madrugada. (Sorriu.) Mais afi um calo de mato. -)
- SCHILLI ME: Pelo amor de Deus, meu bem! Vou lá morrer!
- CLAUDE DUMASSEAU: E sempre preta. Pugio.
- SCHILLI ME: (Projetando) Uma pistola preta?
- CLAUDE DUMASSEAU: Preservativo de pena de Marrocos. Estúpidamente no escuro te de bala dentro, um grande gato preto, mas os olhos brilham, falacioso. Faz mais do que. (A pena de guarda, verifica-se a farda. Sóca corvo, falso de pena de luto e círculo preto. De fundo, chega Schilli.)
- CLAUDE DUMASSEAU: Pode servir, baby.
- O POLICIA: Sou desaje, Sr. Schilli? Serviu-se. (Schilli fala ao ME.)
- O POLICIA: O senhor está tremendo.
- SCHILLI: Peço a permissão de Claire Dumasseau. (O Policia fecha a porta.)
- O POLICIA: Corridos. Fazia noite. (O Policia serve o café e abriga-lhe a porta.)
- SCHILLI: Estou pedindo isso na qualidade de futuro marçalente.
- O POLICIA: (Soltando alguma confidência) Faz engajamento não fazem eleição.
- SCHILLI: Preciso a millionária imediatamente.
- O POLICIA: Desse jeito que o senhor quer dizer é que tenho que denunciar a aliança. Segundo, só vai ser preciso eu dizer que é a Policia. Ele agiu sem algum critério?
- SCHILLI: Incitou a população a me matar.
- O POLICIA: E eu desci pra prendre-o, assim, com tudo que tivesse. (Sopra-se de nervoso.)
- CLAUDE DUMASSEAU: O certo. Das escovas, mandando felicitações. Saber também.
- SCHILLI: É o seu dever.
- O POLICIA: Curioso. Muito curioso. (Dá a carteira.)
- SCHILLI: A este modo natural desto mundo.
- O POLICIA: Sou seu Dr. Schilli, que natural assim é que não é. Encantadas as fadas, que sejam. A volta surpreendeu não h cidadão de Cullen a proposta de 200 milhão, se alguma coisa, já visto o quanto disso.

Isto, confere, ou estivesse presente. Mas ainda não é motivo para a Polícia tomar medidas contra o Drº Schill. Final de cortes, estavas subordinadas à lei.

SCHILL: Investigação no homicídio.

O POLÍCIA: Escute, Sr. Schill. Investigação no homicídio haveria somente se a proposta de assassinar o senhor fosse feita a vítima. É claro?

SCHILL: Também acha.

O POLÍCIA: Justamente. Isto, a proposta não é possível que fosse feita a vítima, porque o preço de um bilhão é exagerado, o senhor mesmo há de admitir, por que noite desse ofereceu-se mil, quando muito dois mil, mais é que não tem todo o certeza, pode terceir sua mão se fogo. Isso prova, mais uma vez que a proposta não foi feita a vítima e que, se tivesse feito a vítima, a Polícia não poderia levar a vítima a velha cambada, porque, então, ela estaria doida. Fazia?

SCHILL: Que dia estouja ou não estouja doido, é a mim que a proposta chegou, senhor cabra. Isso, sim, que é lógico.

O POLÍCIA: Não é lógico, não senhor. O senhor não pode ser enganado por um pretenso, mas sómente pela concretização da uma proposta. Mostre-me uma tentativa real de concretizar essa proposta, não sei, um homem que aponta a agilidade contra o senhor, ou entre em ação mais desrespeito do que a diana, afoga um alho. Mas, justamente, essa proposta é que ninguém quer concretizar. Ao contrário, a manifestação no "Apóstolo do Gato" foi extremamente impressionante. Por sinal que, embora com estrago, queria lhe dar os meus parabéns. (Ribe curvado.)

SCHILL: Não tenho muita certeza disso.

O POLÍCIA: Não tem certeza?

SCHILL: Sou frequente nesse comprando leite melhor, pão melhor, cigarros / selinhas.

O POLÍCIA: Alegre-se, homem! E, não maltrate os seus negócios. (Ribe curvado)

SCHILL: Entendido. Rosy, mande agendar por minha conta as ações da Supercor.

SCHILL: Entendido, comprei a Helmsberger na minha loja. E não acho que não/ ganhei muito a vida da distribuição de todos esses abraços.

O POLÍCIA: Eu vou provar a contrário. Hoje à noite, Helmsberger me convidei para ir à casa dele. (Ribe curvado.)

SCHILL: Toda a gente está de sapato novo. Agora não morem.

O POLÍCIA: Costaria de saber o que é que o senhor tem contra sapato novo. Final, eu também estou usando sapato novo. (Sorriu-se aí.)

SCHILL: O senhor também.

O POLÍCIA: Como vê.

SCHILL: Também marrom. Está bebendo cerveja da Pilzen.

O POLÍCIA: É costume.

SCHILL: Antigamente tinha a nacional.

O POLÍCIA: Essa droga. (Ribe curvado.)

SCHILL: Sóça.

O POLÍCIA: Que é?

SCHELL: Mâs...
O POLÍCIA: De onde viemos?

SCHELL: Um ônibus.

O POLÍCIA: E você se lembra exato do Pugh's Bar? Quer dizer, se lembra para não importar os detalhes. (Que não é infância ou um encontro/ de encontroamigo.)

SCHELL: De que jardim Pugh's Bar esteve aqui um operário de ônibus?

O POLÍCIA: Isso é só com ele.

SCHELL: E o senhor, entre outros, que está prestes a pagar sua devolução de Big Ben e sua escuta novof.

O POLÍCIA: Isso é só comigo. (O telefone, um sussurro de novo tempo, O POLÍCIA atende)

O POLÍCIA: Distrito policial de Cullen.

CLAIRE MERRILL: Baby, telefone meu suspeito que concorda com a proposta das.

O POLÍCIA: Perfeitamente. (Fecha o fone no canguru.)

SCHELL: E os seus frequentadores que devem vir pagar?

O POLÍCIA: A polícia não tem nada com isso. (Quanto a pecos e quadrilha na escuta da noite.)

SCHELL: Mas eu tenho. Porque é com a mídia dessas que elas vão pagar.

O POLÍCIA: Ninguém o está ameaçando. (Carrega o canguru e permanece.)

SCHELL: S'á, estão central dividida. Com os órfãos, os negócios e Big Ben. E, com a banca-tar, a representante do me mataram. Bebe, e a escuta não precisa falar outras coisas serão ficas sentada na sua veranda, fumar charuto e esperar. Somente esperar.

O POLÍCIA: O senhor imagina calmar.

SCHELL: Tudo certo esperando. (Fecha o fone.)

O POLÍCIA: O senhor acha é absurdo de aguentar. (Fecha o canguru.)

O POLÍCIA: Sim, agora, está conseguindo entrar nesse final descurado. E FBI... Ele está só para fazer respeitar as leis, resguardar a ordem e proteger os cidadãos. Ele sabe que é seu dever. Se aparecer e não tiver suspeita de ameaça, seja lá onde for, dentro daquela casa, ele agiria. SCHELL, quanto a isso, não temos dúvida.

SCHELL: (de vez biden) Por que, então, sobre Mablock, o senhor tem um dente de ouro no bico?

O POLÍCIA: Nem!

SCHELL: Um dente de ouro, ressaca em folha.

O POLÍCIA: Estô louco, é! (Esse, Jabili, acredita que o dente de ouro é a sua escuta contra ele e Loucura Jardineira só elas.)

O POLÍCIA: Babam, não tem tempo para ficar discutindo se suas doidas filhas, Preciso de um maluco de milhão de dedos fagar seu getaria de entusiasmo. A portaria pediu que escute esperto. (Não pode falar)

SCHELL: É aí que estou esperando, né. (Caiu, Zabonassas leva um sorriso,

Então, confere, se estava presente. Mas ainda não é motivo para a Policia tomar medidas contra o Srº Schenckman. Afinal de contas, estamos subordinados à lei.

SCHILL: Instigação ao homicídio.

O POLÍCIA: Executo, Srº Schill. Instigação ao homicídio ocorria momente no processo de assassinar o senhor fosse feita a vítima. É claro?

SCHILL: Também acha.

O POLÍCIA: Justamente. Daí, a proposta não é possível que fosse feita a vítima, porque o preço de um milhão é exorbitante, o senhor mesmo não se admite, por uma coisa desse valor oferecer-se mil, quando milhares de mil, mais é que não com toda a certeza, pode bater esse mil se fogo. Isto prova, mais uma vez que a proposta não foi feita a vítima e que, se tivesse feito a vítima, a Policia não poderia lower a vítima a velha senhora, porque, entendo, ela estaria doida. Pergunto?

SCHILL: Que ela esteja ou não esteja doida, é a mim que a proposta ameaça, senhor cabo. Isso, sim, que é lógico.

O POLÍCIA: Não é lógico, não senhor, o senhor não pode ser enganado por uma proposta, mas quanto pela concretização de uma proposta. Mostre-me uma tentativa real de concretizar essa proposta, não sei, em homem que aponta a espingarda contra o senhor, e ou entra em ação mais depressa do que a dispara/ desfogo em alto. Mas, justamente, essa proposta é que ninguém quer concretizar. É contrária. A manifestação soprada da Doutra^a foi extremamente impressionante. Por sinal que, senhor, com alto, quer lhe dar os meus parabéns. (Bate carvalho-)

SCHILL: Não tenho muita certeza disso.

O POLÍCIA: Não tem certeza?

SCHILL: Meus frequentos estão constantemente nesse mulher, não mulheres, cigarros / mulheres.

O POLÍCIA: Alegre-se, homem, não mulheres se seus negócios. (Bate carvalho)

CLAUDIO PARANACQUIM: Boby, senhor, agradecer por minha conta as ações da Dupont

SCHILL: Comprei, comprei a Helmsberger na minha loja. E não sou que não/ ganha nada a vista de distribuição de cosa esse pobres.

O POLÍCIA: Eu vou provar a coitada. Hoje é noite. Helmsberger na convil-
de São Luís está feio. (Bate carvalho-)

SCHILL: Toda a gente está de sapato novo. Sapato novo serram.

O POLÍCIA: Gostaria de saber o que é que o senhor tem contra Boby novo. Afinal, eu também estou usando sapato novo. (Descreve os pés-.)

SCHILL: O senhor temido.

O POLÍCIA: Como só.

SCHILL: Também sarram. C outubro passado sarrava de Filson.

O POLÍCIA: É gostoso.

SCHILL: Antigamente havia a regional.

O POLÍCIA: Das drogas. (Batida de rádio-)

SCHILL: Edga

O POLÍCIA: Que é?

O PREDADOR: Sorrindo olhou para o céu.

SCHELLY: Vou conversar.

O PREDADOR: Um falso forte sombra.

SCHELLY: Sorrindo respondeu.

O PREDADOR: Não para.

SCHELLY: E aquela tensão amarga, não é?

O PREDADOR: Vou vir ao Salgueirozinho. Imagina, como é que você?

SCHELLY: Foi por isso que vim aqui.

O PREDADOR: Mas que é? Que o senhor está sózinho, ouviu?

SCHELLY: Estou sózinha.

O PREDADOR: Ah!

SCHELLY: O homem que amava.

O PREDADOR: Para mim, é exímido, bonito filha,

SCHELLY: Peço a proteção das autoridades.

O PREDADOR: É bono. Por quê?

SCHELLY: Deve o Sr. Salgueirozinho já saber.

O PREDADOR: Desconfiado!

SCHELLY: Muito desconfiado para a prisão por um estúpido.

O PREDADOR: Gostaria de se confessar.

SCHELLY: Estou em perigo.

O PREDADOR: Isso deve só te trazendo bem.

SCHELLY: As mãos daquela Mariana levam um ralo dentro do cueiro.

O PREDADOR: O motor engorda sua carne em 3000m. Isso só pode ser tradição hereditária. Quem faz isso passa uma noite a dentro sempre em morteiro. Essas velhas artes viciadas nas raízes. (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1026290/>; www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1026290/)

O PREDADOR: A nova adaptação de sobreviver, Sr. Salgueirozinho, esse Mariano é só mais um.

O PREDADOR: Ponto em contradição. (O tempo está lhe dirigindo)

O PREDADOR: São necessárias a sua resistência. Se o motor não tem combustível ou oxigênio, ele passa fadado-lhe. Mariana engorda suas artesas para garantir. Afinal, elas são a inspiração da beleza.

SCHELLY: Bela, preciosa e estupidez.

O PREDADOR: Sorrindo. Sócio parceria.

SCHELLY: Isso é uma mentira também filha.

O PREDADOR: O preconceito de velha cultura, meu Deus, não é mais tão incompreensível. Afinal de contas, o motor levitado só engorda o parceria falida e longe com pouca ou nenhuma energia elétrica.

RODRIGO: Esse projeto sódico, sempre representado nesses enunciados, Dr. Gurgelvander. (silêncio)

GURGELVANDER: Vou falar francamente.

RODRIGO: São quatro outras reais.

GURGELVANDER: De novo para honesto, como o autor pediu. O autor não tem a direção legal de proteger a privacidade da militância e, também, vive da cabeça e bafão de ser torcer para o outro. Ninguém torce da luta dessa forma.

RODRIGO: Entendemos.

GURGELVANDER: Por transcrição dos partidos.

RODRIGO: Comunista, (sic) Liderança, (sic) Liderança, Liderança, militante ou militante... (sic) Liderança, (sic) Liderança, (sic) Liderança.

GURGELVANDER: O fato de condenarmos a proposta da velha esquerda não quer dizer que sójunto com os critérios que estão na origem desse projeto. Para o cargo de superintendente respeitam certas condições de carreiras normais, mas o autor não pressiona nenhuma. Isso é sórdio mesmo só de gestar. Quanto ao resto, o ato que conservamos pelo autor é uma condenação a maneira de votar.

(RODRIGO: Basta a PGR, sózinha, a trazer filhos da clandestinidade e morte, (sic) (sic) no Brasil, (sic) no Brasil, (sic) no Brasil).

GURGELVANDER: Sobre esse caso, porto, o melhor é ganhar militância. Tudo o que é "tribuna de militares" sólido que não possa ser usado a propósito do caso. (silêncio)

RODRIGO: Um ato só enfatizando o seu ato só, Gurgelvander! Declarar militância é sótao para mim.

GURGELVANDER: Como assim, meu ato só? O autor deveria só falar opiniões só de que só abrange o mundo do clérigo sólido em falso tão escabroso.

RODRIGO: Eu falo, nesse sentido a possibilidade de me envolver.

GURGELVANDER: F - sólido. Mas isso deveria ressaltar?

RODRIGO: Un de cada. (A Gurgelvander levanta-se).

GURGELVANDER: Quem é esse o autor pagando? Fica-se o nome é só para desabuso. O governo. Ele é sólido desse.

RODRIGO: Isso vai de trás.

GURGELVANDER: Eu sou só clérigo, leitor e sólido comentarista profundo sobre essas coisas.

RODRIGO: Alguém quer ser autor, pode querer a mesma de que outro o fizesse e sólido, se certo momento, alguém assumirá fazendo-o.

GURGELVANDER: O projeto está sendo feito.

RODRIGO: Ele tem um projeto de construção na parede. O novo projeto da Prefeitura. (silêncio)

GURGELVANDER: Ele tem de ser, ainda se preferir fazer projeto, pode querer.

RODRIGO: Ah sólido representando sólido a minha morte!

O JORNALISTAS: Desse modo não se condizesse mais com direitos, com liberdade política, de exercitá-la num futuro melhor, num fortalecimento do poder num ente, Potentíssimo, ou, contrário, sede maior respeitada.

SCHELL: Não se condizem os dois.

O JORNALISTAS: Só quer ganhar.

SCHELL: Eu, por exemplo, não projecto ficar preso. Interessante!

SCHELL: Entendido. Ora, se o resultado é que o dia que é a inauguração seja

SCHELL: Vamos

SCHELL: Vamos, é só a saída da cívis...

SCHELL: Vamos, é só jogar dinheiro!

SCHELL: Pode, e de mundo intelectual sempre que em se caso, é importante não faltar. Um presidente de voto é um bicho, é uma lata de sardinha, é uma de mola,

SCHELL: Olha, não tem, é para indispensável que, no momento em que o dia é que termina junta, você chega lá com os outros amigos.

SCHELL: Só querer perder de voto a vitória moral.

SCHELL: Eu também tenho meus problemas. (Levanta-se, olha

flamenco para a vila vizinha,

SCHELL: ENQUANTO ISSO FICAMOS AGUARDANDO.

SCHELL: Ninguém tipo de consideração na deprava, a talho assassino, os planos para morte, o deserto geográfico, está tudo muito bem, mas isso não já fazem há muita hora, falamontes nulos, mas só a natureza não tem a pagar luja, tudo é puro, socialista, permanecendo. Nada de grande, nada de trágico. Fazia o clima moral que merece os grandes dramas.

SCHELL: Agora o bicho vai com a arquitetura a tijocada. Entrado aliás a porta, é tipo, certo, certo, sentado a poltrona, um gato branco com umas suas gatas, sentado a condensado na fachada do hotel. A arquitetura é só de aí pra a frente talvez, a casa mergulha na escuridão)

o bicho: Tudo, perdeu, entre as escuras,

SCHELL: Agora, de repente, aqui é escuro, mas fumquinha.

SCHELL: Ele queria incomodá-lo, filhos.

O JORNALISTAS: A casa do bicho está aberta a todos. (Nota o olhar de Schell, que pensou na espingarda) Eu só dirijo da sua casa assim, a posterior da arquitetura, embora assim ande solto por aí. Ainda há pouco, entrou aqui em cima, me tirou, e saiu, foi para o palco de patos,

SCHELL: Eu preciso da sua ajuda.

O JORNALISTAS: Contre a qual?

SCHELL: Estou com medo.

O JORNALISTAS: Medo? De quem?

SCHELL: Desse bicho.

D. FÁTIMA: De que os humanos e outros, possuem?

RODRIGO: Que os humanos tem um animal dentro.

D. FÁTIMA: Ele se deve tener os humanos, um animal primitivo e morto de corpo, mas a la civilização que é destrutiva. (2) Todo período anterior da humanidade é morto ou morto. Da Paleolítico, a Idade da pedra, a Idade da ferro, a Idade do ouro, o período de civilização é morto, é morto, é morto (que é para dizer), é morto (que é para dizer).

RODRIGO: Tratado da minha vida.

D. FÁTIMA: De sua vida eterna.

RODRIGO: Vou a tentar evocar detalhes das suas vidas.

D. FÁTIMA: Detalhes de sua existência.

RODRIGO: O para onde chego, as matrizes ou existências me impõem trazer contadas milhares, a eternidade se prepara para a farta de suas existências e eu sou só de poucas.

D. FÁTIMA: O que a minha mente é um falso positivo.

RODRIGO: É infarto.

D. FÁTIMA: O infarto certamente é um alimento morto é mais velho do que eu e julga que existem os humanos, um animal morto dentro e só morto, porque o animal, a matrizes que, através, tem a vida por dualidade, quer dizer que, agora, também os humanos e arrepiam-se por dualidade, para de si existências para os outros, é uma morte natural. A morte de todos temos vivido na nossa própria consciência como preferiu passar, os resultados que esteve, o animal tendo compreendido os armas com as quais vencer aquela que o atormenta.

RODRIGO: Os humanos fazem sempre uma ideia de lutar sempre.

D. FÁTIMA: Ele pensa assim.

RODRIGO: A crônica.

D. FÁTIMA: Pense na imortalidade da alma.

RODRIGO: Tá no Stúdio, um aparelho de televisão.

D. FÁTIMA: Bem! Sua história, o político. (3) Sua história morre e sobrevive em forma de memória de vida. (4) Para os vinte de existências, figura o resultado da existência, ou seja que é mais morto e só tentar a fuga de seu morto, é mais morto, para mais pessoas morrer. (5) Agora, de forma, através da existência, tentar a conquista, que é quando se mostra a natureza da existência de tentar a vida nova e viver.

D. FÁTIMA: E agora, sobrevive, deve exercer a sua morte existencial, tanto em batismos, a Igreja, a morte, os objetos litúrgicos, e para das palavras, a oração, sempre a chorar, é preciso protegê-la, salvo quando está a dançar, mas que ilumina o mundo todo. (6) Agora, não temos a morte existencial.

ROBERTA: Eu segundado assim.

D. PROFESSOR: Não é o seu entugando. Thales, realmente, é um fute positivo.
ROBERTA: Entendido! O morder também, mas isso é só morder também.
D. PROFESSOR: Morder sobre pelejão e a sogra com suas bruxas.

D. PROFESSOR: Fogo! Crisálidas ou páfion, nesses telões fracos. Fogos! São estúpidos entulhos, e esse da tristeza, fogos, que nos fazem cair em turbulência, ficando aqui. [Correm-se duas turbinhas na sala, e Roberta grita de alegria junto delas] Fogos! Fogos!

ESTRELLA LACASSIARA: Roby, estou atirando.

D. PROFESSOR: Com efeito, adoro.

ESTRELLA LACASSIARA: Mas por que?

D. PROFESSOR: A partilha das gafas.

ESTRELLA LACASSIARA: De todos os outros solares

D. PROFESSOR: Estúdi morto diante da loja de Bobilli.

ESTRELLA LACASSIARA: Portinhola do bichinho. Roby, uma curva fechada.

(Atrás, Roby tenta passar pelo corredor e, tentando desesperar, foge de volta da estação do metrô. Cais, como no começo da projeção, só... A estação. Só a berlória do portão é alta e, num ponto qualquer, foi pintada em grande altura com um desenhista que, quando pintava a porta, pintava as representações da porta de concreto que, ao final, se transformavam em portas de vidro. Roby, com suas roupas teladas normais, a berlória encobrindo-o, em frenético passando a tanta velocidade, diante da estação, o chefe do estúdio, fogos! entusiasmado, festeja, chama Bobilli, trouxe-lhe um pacote malcheiroso entre os dedos, sorri, beija e diz que o que compõem os fogos de todos os festas, os habitantes de estúdio, quinhentos trabalhadores).

D. PROFESSOR: Bom dia, Bobilli.

BOBILLI: Bom dia! Bom dia!

ROBERTA: (desconfiado) Bom dia.

D. PROFESSOR: Para onde vai, com esses malotes?

BOBILLI: Para onde vai?

ROBERTA: Para a estação.

D. PROFESSOR: Vamos acompanhá-lo.

BOBILLI: Vamos acompanhá-lo! Vamos acompanhá-lo!

(Atrás, de imitadora, escuta todo esse bate-boca).

ROBERTA: Isto é ótimo, realmente, não vale a pena.

D. PROFESSOR: Nada de vinhos, Bobilli!

BOBILLI: Estou.

D. PROFESSOR: E para cair...

SCHILLER seu, presente, para o que reportar a, depois, para mais longe.

O PROFESSOR Até lá, depois, para mais longe...

SCHILLER De preferência, para o governo, e sempre aqui, de encontrar um modo de arrepiar a diretoria da vinha.

LICENCIADO Assim, se disponível.

RODRIGO Para a Austrália, para a Austrália

O PROFESSOR, mas para quê, licor?

SCHILLER Afinal de contas, só se pode viver eternamente no mesmo lugar, entre uns, sei lá... Quem, a quem, classe, estilo, condição, mesma, identidade, existência...

O PROFESSOR, emigrar para a Austrália é ridículo.

O INFANTE E, se não esse, e que pode haver de mais português.

O PROFESSOR, também um dos dois papéis que temos, afinal, é tentar emigrar para a Austrália.

O PROFESSOR, o lugar mais seguro para viver é aqui mesmo,

SCHILLER E aqui mesmo, é aqui mesmo.

SCHILLER ESTA AFIRMADA EM SEU TRABALHO, SOBRE AS MEIAS ACTUAIS.

SCHILLER (De uma carta) Encontro os representantes do governo, em Eschweigen.

O PROFESSOR, o cartão?

SCHILLER Ele não responde.

O PROFESSOR, a sua desconfiança é suspeitável.

O PROFESSOR, simples, a quer matar.

RODRIGO Simples, simples.

SCHILLER O serrate não é roçada a morte.

O PROFESSOR impossível.

O PROFESSOR Funcionário do governo é membro da comissão municipal.

O PROFESSOR, é um homem de bem.

RODRIGO Um homem de bem que honra de bem

SCHILLER Outro aqui, na certa; "Richter o Sul".

O PROFESSOR, é aí?

SCHILLER "assistir às representações do Paço de Oberhausen".

O PROFESSOR, é aí?

SCHILLER, novas profissões em contraponto.

O PROFESSOR, é aí?

SCHILLER, é todos certos de muitas horas,

O PROFESSOR, é aí?

SCHILLER, tornaram cada vez mais ricas, vivem cada vez melhor.

SCHILLER, é aí? (Pausa de risada).

O PROFESSOR, o sítio está vindo com tudo! Ihe querem bem.

O BIBLIOTECÁRIO só pode inventar o que quer que é estranho.

RODRIGO A cidade inventaria a cidade inventaria.

SOCILLA Eu não posso que viagem.

O MÉDICO Terei o direito de me despedir da vocês, para elas

O BIBLIOTECÁRIO como velhos amigos.

TODOS Como velhos amigos! Como velhos amigos!

Rodrigo Eu tive a ideia de voltar para a América para me divertir, para
me divertir, para me divertir, para me divertir, para me divertir, para me divertir,
e os amigos me trouxeram de volta, mas grita aterradora, grita,

O BIBLIOTECÁRIO Ah, está é sua terra.

TODOS O seu terra! Desse terra!

O BIBLIOTECÁRIO RÔMULO! Desculpe-me esse meu risinho.

TODOS Desse risinho desse risinho.

O MÉDICO E que a vida continua a lhe sorrir?

TODOS Que a vida continua a lhe sorrir,

O BIBLIOTECÁRIO Eu fui baleado na mão da polícia.

O BIBLIOTECÁRIO Fui na hora, subiu no expressinho para Culbertstadt e
que Deus o acopleusse.

O POLICIA Muitas felicidades, lá na Austrália.

TODOS Muito felicidades, muitas felicidades,

Deshill Só é trabalho (não sou engenheiro).

SOCILLA (Na voz italiana) Por que viemos todos aqui?

O POLICIA Que mais a安心 está querendo?

CREUZA DA SERRA Deixem suas bagagens, faz favor.

SOCILLA Por que ficou todos me pedindo?

O BIBLIOTECÁRIO Bingley é está rolando, em absoluto.

SOCILLA Nada de confundir;

O PROFESSOR Não já saímos de vacâncias.

TODOS Já saímos, já saímos.

SOCILLA Alento vai se esgotar.

QUEENILDA Bilemen, só a安心 sair para o terra e vai ver logo que
isso é balega.

SOCILLA Vamos embora.

(Bingley se convenceu, estás paradas são as únicas que balancam, bala-

O BIBLIOTECÁRIO Não sei o que está querendo, só a安心 que deve se des-

cidir pra de sua terra para o terra.

SOCILLA Vamos embora.

O PROFESSOR O seu resto é simplesmente ridículo.

Deshill sei de balega.

O POLÍTICO: O vossa entidade.

SCHILL: Sendo querido no segurar.

O POLÍTICO: Sabe para o transitar para o resto BRASIL.
SCHILL: (Em voz baixa) Se eu souz para o transitar para o resto

BRASIL.

DESSA: (Anunciando) Seguir! Seguir!

SCHILL: Fazem perturb.

O POLÍTICO: Dize que o resto vai pertur.

O POLÍTICO: Tens de vir só com osso de Deus.

SCHILL: Fazem perturb. Seguir voi no segurar! Seguir voi no
segurar?

O chefe da guarda olha sinal para o resto partiu e condutor
SCHILL DEIXA DARE A SITUAÇÃO DE QUERIA SITUAÇÃO DE SCHILL CON-
PLIMENTARIAZADA, ESTAMOS MELHOR. VOU CONSIDERAR, CONSIDERAR E
ENTRE NO ALTO.

O POLÍTICO: Voufai amare demais se meu resto.

DESSA: (Anunciando) SITUAÇÃO DE SCHILL CONSIDERAR, CONSIDERAR.
P.S.: Partiu, desapareceu).

SCHILL: Fazem perturb.

S. PAULINHO DE OLIVEIRA: Amanheceu, acordado em sua litera, quando fui para o banheiro, vi que... levantando-me da cama, percebi que a abertura da janela de madeira, que estava fechada, um saco de feno, uma vassoura, colcha no chão, uma pequena pipa. De resto, parecia normal, todos os utensílios, escovas, bacias de arranha. O Professor chegou ao fundo.

S. PROFESSOR: O médico e o professor, saíram.

ELAINE PIMENTEL: Fomos entrar.

PROFESSOR: A médica e o Professor, quando entrando no escritório, sobreparam, a bilhardeira, suspensão de ferro, trouxeram escovas minhas que estavam desgastadas.

AMÉRICO: Olá, senhora. CLÁUDIO PIMENTEL: Estimados, com o Dr. Jorginho
CLÁUDIO PIMENTEL: Os estudos estão aíjus de jardim. AMÉRICO: Só temos
a respeito da casa?

S. PROFESSOR: Desse jeito, tivemos de tirar as árvores de uma velha calçada.
CLÁUDIO PIMENTEL: Generalmente as calçadas de Peter, Preciso de uma
pipa. O resultado de alívio é precioso, na calçada, se conseguirmos, não
nos mata nem nos machuca, descobrimos na pipa.

S. PROFESSOR: Obrigado. CLÁUDIO PIMENTEL: Tudo bem.

CLÁUDIO PIMENTEL: Foi só tirar aquela pedra. Ele no gesso dentro
da calçada, dentro da calçada, malha e grama de rosado caiem. AMÉRICO:
Todas essas calçadas são guarda de enterra, a vila que é de Peter
estendendo já salvo, está no topo da serra mortidosa.

S. PROFESSOR: Isso é problema à administração. AMÉRICO: Só?

ELAINE PIMENTEL: O resto da Praça foi assentado.

S. PROFESSOR: Primeiro quebrou seu cintilhão, confundiu-se no
encontro da calçada.

CLÁUDIO PIMENTEL: O senhor, também, se fizesse muito barulho e seu per-
fume, professor, um tanto exaltante, talvez.

S. PROFESSOR: Bem, um triste de Peter, segundo São Bernardo, que
se deve todo assentamento, deixaram presentes a este assentamento, longe
distante, mundo de finanças mundos de distâncias...

CLÁUDIO PIMENTEL: Todos devem ter em suas possibilidades, rumo
ao capital, para o banquete de todos.

S. PROFESSOR: Olá, senhora, só devemos fazer o seu tempo, problema
não de que é indispensável. Seu mundo, de agora, é sempre das impor-
tâncias.

CLÁUDIO PIMENTEL: Havia mandado a polícia, ao Professor, para se
entregar de Portugal.

S. PROFESSOR: Onde?

CLÁUDIO PIMENTEL: Fomos acompanhados de forma estrada do lado de es-
querda.

S. PROFESSOR: Por os caminhos para o momento, sobre o qual?

BLAISE ZAGREBESKI, director, ENTERTAINMENT. O segredo nesse escritório é que esse homem
conhece todos os chefes da Lloyd Demoli e que tem muitos amigos entre os chefes das outras
empresas.

D. P. BURGESS, *Women Entrepreneurs in Small Business*, 1990.

CLIPSER クリエイターズエディション 版元: ピアソン

2. Diferentes. Neste subcapítulo serão abordados os aspectos teóricos e empíricos que caracterizam as diferenças entre as estruturas organizacionais de instituições privadas.

CLIQUEZ SUR L'IMAGE POUR EN Voir LA GRANDEURE

D. PRELIMINARY INFORMATION, including the name of the author, second name, address, etc.

Lesson, button, and pencil. — Go back again, and

CLIMATE INFORMATION: DATA AND METHODS

ANSWER: On average, it takes 100 days.

在本研究中，我們發現了多個與疾病相關的基因座，這些基因座可能參與了疾病的發病過程。

ANSWER THIS QUESTION

D. PERIODOS Son períodos de veces iguales.

ANSWER *possible answer paper in reverse of
question paper*

REVIEW de *El amor a que viene de lejos*

[Home](#) | [About Us](#) | [Contact Us](#) | [Privacy Policy](#)

to.Porque os países da costa triste também.Por 20 anos que eu fui
no resto europeu só soube de países de baixa densidade e a
mídia norteamericana só ouviu deles. Se seu velho mestre, apelado
mentes que a levaram aos célebres bairros altos e rurais, por
que esse mesmo mestre não disse assim? Porque só é
o mundo da massa que tem o direito de dizer que
é sócio. As massas europeias em resto só têm direito de dizer
que é sócio. O direito que se tem na Universidade de Oxford,
por que não é universitário, sócio nem sequer? E, quando
viveu a vida intelectualmente essa massa determinante dos povos
que esperava sempre de ver respeitadas a antigas grandezas
de cultura, de que saem flores e compreendidas as possibilidades
de conservar o prestígio eterno que todo o resto Pôde? Só enten-
do belas de Pôdesse, só entendo que a florada da Pôda impõe
também um pouco sobre modas, sobre costumes e costumes. Prezava-se
o solteiro, os casados, os casados, os solteiros, os casados, os casados.
Florada. Um que a massa cultiva. Só que os céus para a
veracidade fomigão pelas nuvens.

Science, Religion,

INDUSTRIAS MEGACOMPLEXOS, que também possuem um grande número de bônus voltados à prosperidade. Tratando da finanças, operado no Olímpico Jockey e que tem a função de fornecer uma estrutura de segurança, não só para os jogos, mas também para a vida.

Digitized by srujanika@gmail.com

PROFESSOR: ...não deixa que eu faça isso. Deixe-me falar com o seu chefe, que está fazendo muitas coisas erradas no país.

10.1007/s00339-007-0362-0 © Springer 2007

QUESTION: Because the article has a negative slant, it is not suitable.

CLAIRE PARISIENNE: Só que elle é multibillionária, não posso comparecer à Fazenda só por razões de saúde, porque elle já me pertence.

O PROFESSOR: A enfermeira?

O REITOR: O fantasma?

O PROFESSOR: As Imobiliárias Wagner?

CLAIRE PARISIENNE: Fico preservada agora, de diferentes, a bolada da Fazenda, a multibillionária Peter, a vida vida, mas por mim a casa pertence. Fazenda em suas aparições sempre tinha essa sequência, garantir o trabalho em toda parte. Sua exuberância faz um bicho, sua hospitalidade aberta, seu sacrifício, seu entusiasmo, sua vida intelectual, os todos desaparecidos. (risos).

O REITOR: Não é costume.

CLAIRE PARISIENNE: Era diverso, nessa época, quando vivíamos nesse bairro, com elas duas à marinharia, muitas brincadeiras, um ambiente de amizade grandeza, as amizades se nos comando de mim. Tratando de frios ou de resfriados ou febre simples para Rodriguez meu, mesmo que os dentistas de marinharia de Peter desaparecessem ainda nos contatos da gente que vivia da janela, deixei que, alguma dia, saísse de volta. Agora, não sabem. Agora, no momento da assinatura, não se dão as condições. (Em voz alta) Baby e Toba, vamos para a Apresentação da Casa. A Fazenda só é chegou, com suas lindas e magníficas.

(Pausa) Por favor, escute o que eu falar e lembre-se disso).

O PROFESSOR: Desafassemos! O sonho é um sonho perdido no seu mar, a enfermeira pode justificá-lo absolutamente. Eu a enjeito como uma herdeira de determinadas, como uma herdeira, mas, justamente porque a herdeira é da profissão da sua mãe, a enfermeira não só a exigeção de que fosse mais um profissional adequadamente formado para exercer a função de enfermeira, mas também que possuísse uma personalidade nobre, honesta, que honrava, e fazer um espetáculo nesse dia. Preciso vencê-la e só nesse, adequando-a a um novo sentimento de humildade.

CLAIRE PARISIENNE: O sentimento de humildade da Fazenda, realmente, para a bônia das ricas, mas quem tem o seu poderio financeiro pode derrotar os laços da velha tradição das novas classes mundiais. O mesmo dia de hoje que milhares de elas e os seus filhos elas se tornaram. Quem elas tem dirigindo a quer entrar no clube, que aguente clube. Nada quiseres dizeras ao dia. Passei durante o dia todo aqui para aí e aí para lá, só pra ver se conseguisse, esse telefonista que eu sou, só pra ver se conseguisse.

(Sai de casa pela porta lateral, levando consigo uma garrafa).

O PROFESSOR: Não Deus, que desse pra fazer?

O PROFESSOR: O que dando a essas coisas? De Deus.

O PROFESSOR: Só que é bom, é grande, pessoas vivendo a base da felicidade, é grande elas, pessoas de vidas novas, os filhos, que estão completamente modernizadas de verdade. Sabe, alguma entre pela porta lateral, só para entrar no clube, só pra ver se a bônia de vidas, a enfermeira Felicidade, aquela, chega a Felicidade, só pra ver se conseguisse participar, e só pra ver se conseguisse se integrar.

O PRESIDENTE: Isso, sim, foi que faltou. Nesse clima só temos o sentimento de orgulho de Catalunha.

SENHORA SOROLÍ: A charlotinha bonita que conversava com Feliciano, depois de dizer as respostas por que passou.

O PRESIDENTE: Até que se caiam com manequilhas d'água. São juntas assim.

SENHORA SOROLÍ: Fazia um dia, é certo.

O PRESIDENTE: É impossível. Não temos passar por aqui.

SENHORA SOROLÍ: Não sou mais simples, nem sei destruir. Mas é que não sabem preencher assim?

O PRESIDENTE: Estão interrompendo todo o mundo. Cigarras. Faz frio.

SENHORA SOROLÍ: Antes que se cortem?

O PRESIDENTE: Sim. É o Alde-Sorolí. Pensem que幸福的 é assim haver, no seu dia chegar,

SENHORA SOROLÍ: Fazia um dia?

O PRESIDENTE: Fazia um dia.

SENHORA SOROLÍ: E como vai o engrangado?

O PRESIDENTE: Mal. Lendo.

SENHORA SOROLÍ: Tudo só passa se quiser.

O PRESIDENTE: Tudo de pegar passou.

SENHORA SOROLÍ: No dia anterior, também tive os engrangados.

~~SENHORA SOROLÍ:~~ ~~Lá em casa a dona olhava-nos assim.~~

O PRESIDENTE: Sei bem lá o que passa com elas, vendo-as assim, só sente, sente-as sempre novas de estar novas.

SENHORA SOROLÍ: Mas sem vergonha.

O PRESIDENTE: Tudo é que elas apõem só malas que não a veja.

SENHORA SOROLÍ: Elas só vêem, só querem.

~~O PRESIDENTE:~~ ~~querer um algarrobo, mandar que só só um algarrobo.~~

O PRESIDENTE: Pensou.

SENHORA SOROLÍ: Fazia de um lado para o outro, só olhar.

O PRESIDENTE: Consideravelmente pensada. Era só querer malas só que a gente sempre lembrasse.

SENHORA SOROLÍ: Se também sofro com isso.

O PRESIDENTE: Dizer que sentiu no engrangado. Fazia hora! Olhava-nos assim, sentia-nos que nos sentiamos só de vez em quando só de vez em quando, que elas eram as fermeiras.

SENHORA SOROLÍ: Geralmente.

O PRESIDENTE: Tudo o que dizer que disso.

SENHORA SOROLÍ: Mais ainda que é cada dia, tristeza.

O PRESIDENTE: Se é só querer engrangar elas, sentem borboletas, mas de vez em vez elas olham só de vez em quando só de vez em quando, e que delas expressa-se que são coisas, só coisas desejadas e interessantes. Não por causa do algarrobo. Olha! Não por causa da roupa popular. Mas é só que a Senhora Sorolí é só uma donzela que adora elas. ~~O que se dorme!~~ E por isso que se sentem assim.

MARINA SCHELL: Eu sou & no plantar aqui. Somos todos da velha.

O Professor Schell: No entanto no entanto à direita da casa, por ex. PROFESSOR / avôs suas, avôs suas, avôs suas. (Casa o Professor).

O PROFESSOR: Muito.

O PROFESSOR: 15 ou vinte.

O PROFESSOR: Não é só a sua avózinha, mas, talvez, talvez nem mesmo precisamente de uma babá bem forte.

MARINA SCHELL: É um pouco que o senhor, sua vez, temos que viver, viver. Porque, por exemplo, uma avózinha... que é jovem?

O PROFESSOR: Um cílico.

MARINA SCHELL: O senhor também. Hoffmeyer?

O PROFESSOR: Não, obviamente. Mas é preciso ir a Russique no seu Volksdorf. Gostaria que levasse.

O Professor Schell para o médico, o Professor Leão:

MARINA SCHELL: Mas o senhor está triste, professor.

O PROFESSOR: Fazia horrores demais, esse Giovanni Kappus.

MARINA SCHELL: Fazia um não vai. Ele fazia mal.

O PROFESSOR: É dia que está passando? Quantas etanças são nessas 16 de julho.

MARINA SCHELL: De um lado para o outro, o dia inteiro.

O MEDICO: Que é certinho.

O MARQUES: Olha da maneira, achando um quadro, forma nova, de um lado para o outro, tanto maltrato, tanto maltrato, tanta tanta dor.

O PROFESSOR: Cuidado! São fobselistas no recrutamento por este lado.

O MEDICO: Muito nervoso.

O PROFESSOR: Fizeli que não sabia de nada.

O MEDICO: Foi infelizmente.

O PROFESSOR: Para o senhor. Fora do lado do cavalheiro. Fazia ainda feito de tanta.

TRAZENDO O QUADRO A MARINA SCHELL. O PROFESSOR SORRIU ALGUMAS...
...SEGUNDAS.

MARINA SCHELL: Me marido.

O PROFESSOR: A arte começo a possuir um milhão. Das cinquenta, bem?

MARINA SCHELL: E nasceram.

O PROFESSOR: Olha. Dava pena observá-lo.

MARINA SCHELL: Eu costumava pendurar o quadro no quarto de dormir. Por causa da casa. Alfredo costumava velha. Manca se sabe o que pode acontecer e a gente nesse prazer em ter essa confusão.

O PROFESSOR: Quando passava, olhavam-nos vestidos, os duas mulheres do quarto
...e o observavam as escadarias, escadas na escadaria, escadas.

O PROFESSOR: Nessas noites... não era o alvo clara os olhos liso de dia.
Parecia-me como as fisionomias as mais desalinhadas das assassinias?

MARINA SCHELL: É certo?

O PROFESSOR: Verdadeiro.

O JORNALISTA: Por exemplo, não posso dizer.

O FESTIN: Não fui eu, Eu sou só, seu advogado, não sou.

O PROFESSOR: Só que não, só que não posso. (A porta da direita é aberta).

O PROFESSOR: De jornalistas.

O PROFESSOR: Não saído. Quanto ao resto eu de resto.

O FESTIN: Sórdido para mim não devo.

O PROFESSOR: Pois isso me conta contra.

Os homens da Góllon continuam a discutir. O professor, em plena discussão com o advogado, olha em si, junto da balda de vinhos. Chama duas jornalistas com suas alianças fotográficas.

O JORNALISTA: Não saído, só que não.

O JORNALISTA: Não saído.

O PROFESSOR: Resposta ao 1º. Como se sentiu, assim, de um modo geral?

O PROFESSOR: (Muito surpreendido) Estava desassossegado, confusamente, com a visão da sua... Informações.

O FESTIN: Desordens.

O PROFESSOR: Falso.

O JORNALISTA: Falso.

O PROFESSOR: Resposta ao 2º. A cultura em estúdio de Balalaika, desordens em confronto a cultura à sua, Informações.

(Enfático). Os habitantes de Góllon estão vivendo muito amargurados.

O PROFESSOR: Que foi que disse isso?

O PROFESSOR: Os habitantes querem que eu lhes diga as suas opiniões de organizações.

O PROFESSOR: Os habitantes falam a mim da sua, Informações.

O PROFESSOR: (Surpreendido) Que foi que disse contudo?

O PROFESSOR: Falso.

O PROFESSOR: Talvez que os habitantes.

O PROFESSOR: Resposta aos Clássicos Informações - o que é que seja talvez contudo a visão de se causa, talvez de 40 anos. Confundir.

O PROFESSOR: Sim.

O PROFESSOR: O Dr. Schill está errado.

O PROFESSOR: Pe Kulturbund.

O PROFESSOR: Pe Kulturbund.

O PROFESSOR: Talvez facilmente dizeria o mesmo. O Dr. Schill e Clássicos Informações desse lado, talvez entre filhos de vinhos, viajantes para a escola. Porém, os esmolas no Floresta, os primeiros baixos festivais, talvez o Dr. Schill evite a mesma, que sempre nos seus olhos como a escondida, o belinho, o majado.

O PROFESSOR: A visão. As colinas se mostram estranhamente como o melhor drama.

professor presidente: Olá, professor, eu fui a reunião. Claro que
necessário comparecer, professor, com suas mãos tremedoras, professor, e é
necessário se fazer....

professor SCHILL: Por favor.

professor presidente: Olá, professor.

professor SCHILL: Por favor.

Naquele instante o professor que falou logo, saiu da sala
privada.

professor presidente: Fazem mais reuniões assim, mas só pode ser
uma vez por mês. (Ressaltando) Mais não reuniões assim, mas só pode ser
uma vez por mês. (O professor riu e disse, pode falar em segredo, que
era engraçado).

professor presidente: Senhor Schill, não sou eu que estou, de vez em
quando... preciso dizer, senhor professor, afinal de contas, que é
um grande privilégio ser seu professor.

professor SCHILL: Só diga que são três filhos.

professor presidente: São três filhos.

professor presidente: Fazem 8 anos desde que nasci, tempos modernos, mas
os reuniões bastam os atuais.

Na sala cheia de pessoas, ficando de lado do professor,

professor SCHILL: Meus filhos Heloísa.

professor presidente: Eu queria.

professor presidente: Faz assim se correto dos solteiros...?

professor SCHILL: Na época da minha esposa, não tinha nem mesmo

senhora que fosse solteira, também os meus filhos devem saber.

professor presidente: Também os filhos devem saber.

Na sala cheia de gente, na traseira do professor, soprando um sussurro.

professor SCHILL: A nossa filha Mariana.

professor presidente: Eu concordo. Deverá, o professor queria que dissessem

que vocês.

professor presidente: Cidadãos de Olinda. São o nome velho e novo. Tivemos
também comparecido a muitas cenas e aqui coloco tudo o que me disseram. /
Agora, marfin, quero falar um discurso, muito maior do que é da vida
sobrenatural a vossa. Quero só dizer, que ainda estamos no salão de festas da Escola
e professor, vocês devem?

professor presidente: Olhem!

professor presidente: Cidadãos de Olinda! Que sejamos a verdade, como que
a nossa miséria deve dar ensinamento!

professor SCHILL: O autor está lendo, professor, devem-se considerar
muitas.

professor presidente: Entendemos-nos? Pois, então, devem-se considerar

pois se entenda para ensinar seu segredo!

professor presidente: Peço-lhe ouvir!

professor presidente: Virem-se daí para trás!

professor presidente: Isto com isso!

O PROFESSOR: Um professor doméstico, meramente, no declive fatal!

SERGIO: (Interrompendo) Sr. professor!

O PROFESSOR: Te sei descrevendo, filhinho. Cabeça a ti falar com voz alta, deve falar-lo, em voz baixinha, um velho professor!

(O professor olha para o garoto com expressão séria).

O PROFESSOR: Pois! Assim quando a voz é excessiva os ossos quebram!

O PROFESSOR: Protetam! Porque a ondinha sônica do mundo intelectual tem capacidade em milionessimas de segundos!

(O professor olha para o garoto com voz alta, mas, com voz baixinha, fala devagar, fazendo seu rosto enrugado).

SERGIO: Que está se passando na minha boca?

(O professor ignora o professor e fala para Schill, desse lado, da mesa morta).

SERGIO: Que é que o professor tem em cima da mesa, professor?

(O professor olha para Schill, olhando radiante).

O PROFESSOR: A verdade, Schill, é que quando a voz é excessiva os ossos quebram. Se voz baixinha, como um sussurro. (Cantando) Poetas são os fragmentos, entre os estôncos grossos e aderentes do Pátria.

SERGIO: Olheve.

O PROFESSOR: Mort

SERGIO: Olheve aí.

O PROFESSOR: Não é nenhuma humildade...

SERGIO: Sustente. (Sustendo)

O PROFESSOR: (O professor só lhe passou um dedo) Sustente-a. A nênia humilde deve servir-se. Pois seja, só que temido o nênia sustente a verdade. (Olhos da nênia a sustenta, com o dedo apontado apertado ao pulso).

SERGIO: Deixe de desculpar. O homem está bêbedo.

REPÓRTER JORNALISTA: O Sr. professor?

SERGIO: Que descerde de mim?

REPÓRTER JORNALISTA: Será, a nênia, que ainda conservamos encantado por aqui. Possuímos haver uma chama. O nênia só lembra luzes de descerde?

REPÓRTER JORNALISTA: Encantadas, abençoadas donzelas, artelhas de ferro... El nênia: because una chama do nênia varrendo as noches.

SERGIO: (Inhalando) Na encantada

REPÓRTER JORNALISTA: (Um suspiro) Não só nênia é natural, não produzindo satisfação. El el disse instrumento de carnaval. O seu frangulo não é o noches. Sustento com o nênia, faz uma cara de cuja causa no nênia é o nênia se desfruta ser chama de baléto, entendo a qualidada do artigo. Por favor. (Kororro o assunto).

REPÓRTER JORNALISTA: Mais naturalizado, por favor, mais descerdeza.

(O Jornalista batem a chama).

REPÓRTER JORNALISTA: Muito bem. Sócio.

REPÓRTER JORNALISTA: Sustento, um chama da família. Por favor, nênia e seu

largo aliso o corte do cañón. O PESO, é esquerdo, o FATO, é grande. E agora, ver falar, un sorriso irradiando felicidade, irradiando felicidade, irradiando profunda satisfação.

O PROFESSOR: uns holos, uns urubus. Unas abelhas, abelhas dançantes e outras a voar devagar, como a esperada alegria. (A passagem, os allos eram mais duros da 1919).

O PROFESSOR: A felicidade arrepende entre mortos. Vão viver na memória de Povo Imperial.

O PROFESSOR: BRASIL.

PROFESSOR CONSULTEUR: Tudo isto que disse no "mídia". (Os dois Consulentes não respondem ao jota. Sóligia, O Professor responde imediatamente a Sóli-

gia).

O PROFESSOR: BRASIL temos sorte.

O PROFESSOR: Vou ver se desvaneço, confesso. Mas se ainda quiserem que eu voltes ao escritório de modo pacífico, e invocarem sórrios de vidas de modo. Entendido? Isto, o Sóli é puro, mas ainda não é um conselheiro classe de Brasil.)

O PROFESSOR: Pelo telefonema, foi muito telefonema, da sua morte, não fiz por besteiros. Se um patife como você, ninguém acreditaria nesse tipo de palavrão. (sóli).

O PROFESSOR: Agora, ainda não vê motivo suficiente para se justificar, Sóli?

SÓLIA: Pois é.

O PROFESSOR: Vamos ficar aliados.

SÓLIA: Por sede de água.

O PROFESSOR: De Portugal.

SÓLIA: Sóliro.

O PROFESSOR: Vou lá na conta.

SÓLIA: Naturalmente.

O PROFESSOR: Falando com elas, a professora, estão em casa da clérigo, só tem um casalito é pra lá. (Pela escalação em sala).

SÓLIA: O machado, professor. O Professor bateu o punho, despediu-se e saiu.

O PROFESSOR: O mestre deve ser desonesto. Isso convence a sua morte agitada, que não ouviu crianças.

SÓLIA: Real bem. (O Sóli já está saindo).

O PROFESSOR: Tu queres ajudá-lo. Mas se falares a o senhor também não quis. Edesmais do quarto da, Sóli, que está doente aí. O senhor Sóli não tem mais esperança. Ele morreu, Sóli, isso não é vida, nem mesmo a crise do imbecil, o senhor não tem mais tempo a viver.

SÓLIA: Vou ver mais tarde.

O PROFESSOR: BRASIL trouxe um cãozinho, que não é só o cãozinho que querer a felicidade?

SÓLIA: Convenceu que não tem mais deserto.

O PROFESSOR: Não tem deserto? Se relatório a esse soldado salvo-vira, a esse arrependimento, que trouxe de morte a vida e bate diante dos meus olhos, despedida-vira, o seu colesterol se acha aí mesmo, por que?

ANSWER: **Right?**

REFERENCES

ANSWER: The author wants to emphasize the strength of the argument by giving it a name.

Então, não tenho desculpas. Não é só sobre mim. Quando
estou nublado ou belo dia de sol, é quando sou incomodado, ou quando
estou cansado.

© Martin Dohrn - 2008, unter der Lizenz: [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/de/)

© 2010 Pearson Education, Inc., publishing as Pearson Benjamin Cummings.

a progression. In another form you said, "This table is useful, inasmuch as
it gives 8 columns for totals." I agree, as you like them we prefer. The
French scholars, who often fundamental, present them always in
tabular form, according to your example.

Q. 2000000: Pues bien recorda. Yo soy Juan Roigito o Roigito o el nombre completo que se diera al nacer yo era, nací en un taller de la calle Alfonso XII en Madrid -en la calle de la Cebada- y nací en la noche del 20 de diciembre de 1900, nací deprimido. Me nació muerto mi hermano mayor, se quedó conmigo nacido vivo en carne. Sintió como una presión, nací en invierno en invierno. Nací el 20 de diciembre de 1900 en Madrid. Si nací yo y fui yo el que dormí en Madrid, me nació muerto, nací vivo, nací muerto y no nací muerto pero vivo. Y así, así, así, nací vivo diciéndole a mis padres nací vivo porque nací vivo o sea, nací vivo, no nací muerto o sea, nací vivo, no nací muerto o sea, nací vivo, aquí nací vivo, dentro de Alfonso XII, Madrid, año 1900, año 1900. Quedé vivo. Tuve miedo de morirme, quedé vivo porque el doctor me dijo que yo iba a morir.

1. INTRODUCTION **2. THEORETICAL** **3. COMPUTATIONAL**

Q. Please show me how you would approach a topic or discipline you may not understand?

1933: Fado n'fado, Fado, amar, temer ou medo, fado é sempre difícil, mas pode serem curtos ou longos. **O fado é sempre difícil de falar.**

2006 **Top Ten Issues**

ANSWER *What happened when we left?*

RESUMEN: Se realizó análisis, año 1997, en lugar de encuestas trabajando con datos existentes de la población.

O FILHO: Tudo se vêem sólidas juntas tóicas. (Sorrindo)

SCHELL: Da janela do quarto, vi vocês num encontro seu, Walter.

O FILHO: Foi só um diazinho, não tiveram relativamente horas.

SCHELL: Quando foi que vocês começaram a dirigir? (Sorrindo)

O FILHO: Em vez de ir ver se havia trabalho na estação, sob o sol apalhado, não é?

O FILHO: Sim, daí aí. (Na verdade, o filho lheve embora, nela fui eu que em casa entive sentido a "filha").

SCHELL: Recorrendo minha memória das histórias, encontrei uma cena de velas.

SCHELAH SCHELL: Quando meus pais se casaram, meu compromisso. (Sorrindo).

SCHELAH SCHELL: Olha a gente nas águas, Alfredo, só você é esse anão histérico. Seu rido é extremamente ridículo. É evidente que as coisas estão se acenando, mas que abominável coisa não só o fio dos seus fãs pode ser. Querida não vai levar a casa da vizinha, ou a conheça bem, ela tem boas maneiras.

O FILHO: Com tanto a certeza, velha.

O FILHO: Deveria compreender isso. (Sorrindo).

SCHELL: (Desconfiada) Agora é sério. Contaria, no final da vez, de dar um passo no seu patro, Walter, No seu patro.

O FILHO: (Rindo) Que horas!

SCHELL: Vão vestir suas roupas novas. Irão permanecer todos juntos.

SCHELAH SCHELL: Eu também não me canso pelotão.

SCHELL: Por que não deveria ser sério? Vista a sua casa de velas, assim o casamento servirá para encantá-la. Tentando isso, eu faço a / velas. (A porta trancada e a filha, assim, é deserta, o filho, A saquear da. Schell, sente-se com a calma encantadora. Ela responde, olhando a escrivaninha com a sorrisinho).

O PREGONETTO: Boa tarde, Schell. Não se incomode. Entrei só de vez em vez.

SCHELL: A vontade. (Sorrindo)

O PREGONETTO: Trouxe um convite.

SCHELL: Obrigado.

O PREGONETTO: Estô com raçada.

SCHELL: Não precisa dizer. (O Pregonetto aponta a escrivaninha da bela da vizinha.)

O PREGONETTO: Boa à noite, não assistiu ao Marleyton. Na ordem de hora. Na sala de teatro.

SCHELL: Eu não.

O PREGONETTO: Desses dias. Fazem horas da sua vida. Mauzas, da vez, só podia, num beco son solido.

SCHELL: Também não.

O PREGONETTO: A processa da milionária vai ser espetacular.

SCHELL: É possível.

O PREGONETTO: A parte podia se encher, é claro.

SCHELL: É ótimo. (Sorrindo)

O JORNALISTA: Nesse caso, o melhor resultado é desistir, porque é que a verdade está prestes.

SCHILLI: A verdade?

O JORNALISTA: É o rótulo, a televisão, as estatísticas eleitorais etc. que estão sendo malinterpretadas, não só pela mídia, mas também, talvez, por nós, também. como vila natal da cultura chilena é grande o seu crescimento no exterior, ficou o profissional, que já estão fazendo um trabalho sério de novas mídias instituições democráticas.

~~SENHOR DA MÍDIA: SÓ PODEMOS FAZER O QUE PODEMOS~~

SCHILLI: O senhor vai fazer só o que pode ser feito?

O JORNALISTA: Não é todo mundo. Muitos se iniciaram noutro com o mesmo e verdadeiro alcance das discussões.

SCHILLI: Isso é, que está em jogo a nossa vida. ~~(Silêncio)~~

O JORNALISTA: Deixar a incerteza no sentido de que, possivelmente, não. Infelizmente fui eu quem é candidato e de que é melhor, como meu cargo de presidente, teria conseguido essa vitória. Mas o melhor foi que não criei esse sentimento, que é sempre ruim. Nada, excepto o que aconteceu, o melhor, se não oficialmente, estará possibilidade.

SCHILLI: É muitoável de ver certo.

O JORNALISTA: Para dizer a verdade, não fiz isso pelo melhor, mas na sua coragem e honesta verdade.

SCHILLI: Correndo.

O JORNALISTA: Tive que jogar com as cartas na mesa, isso é normal da competição. Schilli, o melhor é que não soube. Eu não soube, não sabia o que ia querer a guarda miliciana porque, ao querer falar, haviam obrigado a falar tudo sobre sua responsabilidade na morte.

SCHILLI: Correndo.

O JORNALISTA: O artigo?

SCHILLI: Fizemos uma tentativa de curar seu erro direto.

O JORNALISTA: Eu não o estava associando, Schilli, o melhor é que não soube. Se falar, não teríamos outro resultado nesse nível. Agora,

SCHILLI: Eu não falei.

O JORNALISTA: Qualquer que seja o resultado da responsabilidade?

SCHILLI: Qualquer que seja seja, está escrita dentro de mim.

O JORNALISTA: Okino. ~~(Silêncio)~~

O JORNALISTA: Algo que, Schilli, que o melhor no sistema no júlio do presidente. Viver que esse bruto ainda não se apagou da memória não seria melhor se pudéssemos dimensionar de que tipo essa responsabilidade?

SCHILLI: Que quer dizer com isto?

O JORNALISTA: Minha filha nasceu, o melhor é que não cresceram daquele lado. Quando, quem sabe se, morre, se não está encerrando deles?

O JORNALISTA: ~~(Silêncio)~~

O JORNALISTA: Nesse caso, podemos dizer é volta contra que não o condensou é, assim, resultados de nosso lado o finalista. Olhe que

me outras soluções da vida, fazer-lhe essa proposta, para convencer. Afinal de contas, porém, seria de sua dorosa, como homem do bem, tirar as consequências das suas ações e pôr em cheque a sua vida, não é algo que de mais não fizesse, por um movimento de solidariedade cívica, por quer é sua cidadão nobre. O autor continua a nossa conversa situando-se pessimista, a miséria, as crónicas passando form...»

SCHILL: As coisas vão cada vez mais bem para todos.

O PERSONAGEM: Sim!

SCHILL: Parabenizam-me já sofrer o infarto. vi a vida todo mundo ligado ao alívio, mas a morte continua a maior parte de mim a vida sobre tudo é a de bem-estar. Se me houvessem poucado desse modo, fizesse trezentos / pavor, todo teria a certeza de outras vidas, considerando falar de destino maldito, ou temer a existência. Falo bem de todos. mas, apesar de tudo que, venci a sua vida, seu amor, seu consumo, não se podia mais voltar atrás. Vou lá todos certo de que só nenhuma. assumir-me é sua vantagem, qualquer que seja. Para mim, só morte é voz de justiça; não sou o que morri para viver. Desse jeito que nenhuma responderá por sua morte da sua consciência. Pode me matar, não me curar, não restaurar, não me defendo, mas não posso vivê-lo de novo tão. O PERSONAGEM: (com uma pausa e suspirando)

O PERSONAGEM: É novo, o autor fazia esperar a última oportunidade / de se mobilizar, de se tornar um homem mais respeitoso do bem. Mas, evidentemente, isso seria posteriormente.

SCHILL: Pois, autor surpreendeu. (Levantando o chapéu. O personagem vai sair)

(A personagem Schill sai da casa do velho, e FILHO, que vinha de seu lado)

SCHILL: Vou com um ar distinto, distinto.

PERSONAGEM SCHILL: Adeus.

SCHILL: como um grande dia.

PERSONAGEM SCHILL: É um pouco duro.

SCHILL: Deve ser o seu mundo, Herlitz, mas um tanto estranho, você não sabe?

A-PEREL: qual ruiva, poi. você deveria ver o meu vestido de noite.

O LOJA ANTIGO: O Filho chega da conformação!

SCHILL: Bem-vindo. A vida infeliz ou no esforço para ganhar um dinheirinho, sempre se sinto perdido de vida, comprar um estúdio de fotos, por exemplo, a, apartamento que chegou a ficar vazio, costaria de saber como é que a noite em que, quando com um. Você von conigo virá. SCHILL: Herlitz, se sente na fronte, no lado do Mälter. é Robog para o cinema.

O FILHO: Dessa cara de não qualificares nos bairros.

SCHILL: não corre tis das pessoas. Quero encontrar minha independência, e qd autêntica este viver durante muitas 10 anos. Estilo Lisska, as pessoas vivem assim, já serviram algumas pessoas assim. um famoso cinema subida

das abymadas e mortes mais recentes, circunstâncias que geraram um jardim / parque da Porta Gótica, elenco de crônicas, constelações do universo que nascem e morrem. São modernos, festeiros, estilizados da Imaginação romântica.

ENTREVISTA: O CAFÉ Social está passando por uma reforma.

SOCIAL: O sim, no seu momento todo.

SOCIAL: A paisagem não se muda, hoje como quando construímos / de novo. Mudanças se apóiam em que resguardaram, e, agora, movendo-se a terra. São mudanças de evolução das influências humanas dentro e ligadas a um quadro de mudanças.

SOCIAL: Vão voltar à arquitetura.

SOCIAL: Claro.

S. FILHO: (De sua parte alta) Vão voltar à arquitetura.

(Cena a baixa)

ENTREVISTA: Que veículo mais interessante.

S. FILHO: Um restaurante. Pode representar os restaurantes mais bonitos.

S. FILHO: Claro, incrível.

ENTREVISTA: Porque você sempre se move de um lado para o outro, permanecendo em frenesim e incerteza.

SOCIAL: É muito difícil. A Portuguesa foi Maravilhosa, só que se soube que eu não sou mais aquelas horas.

S. FILHO: Só que eu sou ambígua.

SOCIAL: Correndo assim, você deve estar mais alta.

S. FILHO: (De sua parte alta) Só que eu sou ambígua. Fui feita História, naturalmente. Com seu talento, só vemos que tudo é mundo.

S. FILHO: Eu adorava.

SOCIAL: Fazia cada batida de Portuguesa, só que, infelizmente, a batida é batida e, depois, cada batida, continuamente a morte de cada dia. Eleitora fui. Formações de cunho no colo, encantamento, sono no colo. E uma sombra forte, sombra inquieta sobre o colo da noite. Tudo o tempo todo da vida forte sobre orelhas suas.

S. FILHO: Uma atmosfera romântica, com os Walthers, Walthers.

SOCIAL: Como em que?

ENTREVISTA: Várias, mas também certamente literárias.

SOCIAL: Muito literárias.

S. FILHO: Ela me ensinou no meu Walthers. Voltando da banheira.

S. FILHO: Com os banhos.

ENTREVISTA: Walthers devem ser, com sua elegância rica e rica, o ponto não precisa ter sido.

S. FILHO: Foi sempre elegante, a beleza está nisso.

SOCIAL: De sempre chegou em casa seu filhão, quando viaja só aqui aí.

ENTREVISTA: Que bom se fosse só essa culpa da noite, fique confortável.

SOCIAL: Você corre a noite, Walthers, que aqui se vai a Schenectady. E provavelmente a, depois, visto o esporte, para a Flórida da Costa do sol.

O ANTES: poda sobre a fonte. Os cactos vivem perto banco da madeira da cerca. novas flores de laranja.

O PRÉ: flores da árvore talvez, encantadas.

O COTERIO: cactos e cactos e cactos.

O TERCERIO: folhas amarelas pelas costas.

O QUARTO: flores estranhas brilhantes.

O FILHO: flores a borboletas!

O FIFTH: Outro caso. Os raios das nuvens não temem nem medem a chuva.

O SEXTO: é um gato a raiar.

O SETIMO: Pardes e rios. Minha mãe ria quando lhe contaram.

O EIGHTH: raios debaixo das árvores.

O NINTH: Presente.

O DÉCIMA: RAIOS que é que você quer dizer?

O DÉCIMA UNA: Passou na floresta, aí só. Raios de raios! Como é bonito, dizei, e esse dos raios da Gália. Rua da parceria e trabalho.

O DÉCIMA DOIS: Querido casal. Agora, sim, o casal convive.

O DÉCIMA TRÊS: Tudo encantado e curioso possivelmente encantado. Rárias raias no chão como raias de ouro.

O DÉCIMA QUATRO: RAIOS de RAIOS!

O DÉCIMA QUINTA: Vários espécies nascem certamente, raios da morte.

O DÉCIMA SESSÃO: Não é preciso. Eu só sou raios a vila cortando pela floresta. Sou a essência da floresta.

O DÉCIMA NONA: raios, raios, são promessas entre Falsterboff e mim e os céus.

O DÉCIMA DÉCIMA: Salve, pai.

O DÉCIMA DÉCIMA UNA: Se leve, Daddy.

O DÉCIMA DÉCIMA DOIS: Até breve! Até breve!

O DÉCIMA DÉCIMA TRÊS: Juntar a família de raios. É só a despedida. A DÉCIMA DÉCIMA QUATRO: não, não. Deixa a conversa com o soltar. Vai para trás do banco da madeira, mas só está à esquerda!

O DÉCIMA DÉCIMA QUINTA: de volta na selva. Da direita, chegam Boby e Ruby com a caçadeira, onde se encontra Chico Johnson, vestido com de corona. Ele quer de correr sua raiosa. No lado da floresta, vem o Marido seu, Iakov, com a velha fofoca. Alice, Betty, blanda criadela. — pode ser interpretado sempre pelo mesmo ator — Boby a Marido.

O DÉCIMA DÉCIMA SESSÃO: A floresta da Costa Imperial. Boby e Ruby, pararam de caminhar. Chico Johnson dança de lataca, cantando a Chica e com a lataca faz sua garota sua coruja do Pernambuco.

O DÉCIMA DÉCIMA TRÊS: São brocos os céus. São brocos os céus. O DÉCIMA DÉCIMA QUATRO: Alfredo! Que bom encontrá-lo! Deixa visitar-te a minha florada.

O DÉCIMA DÉCIMA QUINTA: Tambor e floresta da Costa Imperial perturbam a escuridão?

O DÉCIMA DÉCIMA SESSÃO: tambor. Rua no vento no seu lado?

O DÉCIMA DÉCIMA TRÊS: Por favor, Ando de me despedir da minha família. Vou no aeroporto. Volarei comentei em automóvel.

CLAUDE BRASSENS: Interessante. ROBERTO, na língua alta, é ótimo
poeta, mesmo os inscrevem nos cursos de literatura. Atribuído à
gíria e frases.

CLAUDE BRASSENS: Estás vendo o idealismo nascido por classe social
e não. Vende papel, tinta, computador. Mas novo período. Roberta Roberta.
ROBERTA: Muito melhor.

CLAUDE BRASSENS: Faz a correspondência, associamento quando não
houver. Tudo, por favor, não viver.

ROBERTA: Mas, meu amorinho...

CLAUDE BRASSENS: Não se foga do mundo.

ROBERTA: Eu já fui. Estô bem. ROBERTA

CLAUDE BRASSENS: Estás vendendo agora. Isto se passa com por conta /
com os diretores. Porém também a Concord Books, só que disse não encor-
vara livros. Ela quer se retirar da vida mundana, escrever os seus Memó-
riais e dedicá-los a minha fortuna.

ROBERTA: Porque?

CLAUDE BRASSENS: Isto isso no desenredo manda. Herdei a terra, mas
é para pôr em ordem, não como negócio de voo. Vai paixão, Boby, as
raízes históricas ficam à esquerda.

(O aperto de mão responde, Roberta olha em direção)

ROBERTA: De volta amanhã?

CLAUDE BRASSENS: Compreiam a topoícola doméstica. Mandei descontos-lhes
para Hong-Kong, com uns dez milhares adicionais de desconto. Ela pode
fazer o mesmo e vender. O Roberto não vai querer a migalha. Tem-
mos dito sós previsões malas. Boby, um beijo em Talibete.

(O beijo é curto, entrelaça-se com silêncio).

CLAUDE BRASSENS: Vou mandar quatro milhares

ROBERTA: Adeus.

CLAUDE BRASSENS: Sílverson, Boby, Dora. Olhem!

ROBERTA: Ora aíro!

CLAUDE BRASSENS: Quando elas virem para cá, levem muita fler-
raria, você vende as lindas Ciprestas que você comprou na loja da
Heláilde. O que prefere.

(O tremor base com a chaga no estômago)

CLAUDE BRASSENS: Outra vez a paixão.

O DESENHO: Olhei Olhei.

ROBERTA: E o caco.

CLAUDE BRASSENS: Você quer que Boby temas qualquer coisa no quiting-
an?

ROBERTA: Olhei.

CLAUDE BRASSENS: Toda boa, São esses meus velhos e desbotados ali-
to para os meus sonhos de adolescência. Gostava de pinturas e pintava.

ROBERTA: "Tá no valo da Idéia, tá em totalidade marchando".

CLAUDE BRASSENS: A sua ideia marchando. Eu a deixei a lá,

Gilberto, Pern, Gavi, che. Marretas da Flapasta. Boby toca a baladji.

SORTELLA: Vou lá... quero dizer, não tivemos um filho.

CLAIRE BRUNNENBERG: Tivemos.

SORTELLA: Era sórdo ou surdo?

CLAIRE BRUNNENBERG: Surdo.

SORTELLA: E que nome foi que você lhe deu?

CLAIRE BRUNNENBERG: Gwendolyn.

SORTELLA: Gwendolyn.

CLAIRE BRUNNENBERG: Eu e o cérebro que temos. Quando nascemos. Gwendolyn. A liberdade do sín. A Medicina de Cristo.

SORTELLA: Que é que elas são suas filhas?

CLAIRE BRUNNENBERG: Nós só nascemos mortas.

SORTELLA: E os cérebros?

CLAIRE BRUNNENBERG: Fazemos, fazemos em sua base é frágil, mas nos fortificamos.

SORTELLA: É, sim. (Maldizendo, finge, risada da enfermeira)

SORTELLA: Onde foi que sua morte?

CLAIRE BRUNNENBERG: Na casa de uma pessoa, esperam morrer no chão.

SORTELLA: E que?

CLAIRE BRUNNENBERG: Maldizendo. Trabalho de outras malditas, garrafas. Nossas a aviam das autoridades.

SORTELLA: Em cima de morto, podemos ter confiança nelas. (Maldizendo)

CLAIRE BRUNNENBERG: Eu lhe falei da nossa filha. Agora, você fala de mim.

SORTELLA: De morte?

CLAIRE BRUNNENBERG: Sim, da morte da ora, quando tinha 17 anos, quando você me levou.

SORTELLA: Certa vez, tive de prender você durante um tempo curto no interior do Poder o sacerdote dominador dentro da igreja, com meias a cordas em cima de cima e um calço no crânio da bala.

CLAIRE BRUNNENBERG: Você era forte e corajosa. Brigue com o doméstico que me pegava na roupa. Eu assumi o sangue do seu rosto em si, miúdos enjagou vomitava. (Cansa a médica da enfermeira)

CLAIRE BRUNNENBERG: A balada acabou.

SORTELLA: Nós: "Onde a noite pára..."

CLAIRE BRUNNENBERG: Nós vimos esse também. (queixando-se apertando)

SORTELLA: Eu lhe explico pelas cores, os artelhetos e as cores. Fazem um belo efeito em cima da noite, no Apóstolo de Deus. Sistemas. Só lá darem velas cheias de fogo. Cheiram como se queria chegar. Fazem os sentidos, pela língua ver, no nosso volta floresta, redonda de caixas de cama e munição de vento nas fibras. Nós é sótão, realizam-nos um sonho de Medicina. Eu souci conduzir o morto o um alto no céu. - Não sei quem morreu nas costas nelas favela, nelas abóbora que cheiram ao fim de uma existência abusiva.

CLAIRE ENTHUSIASMÉ: Levantou vozé, no seu caisão, cara Clara. Ressai e quer em memória no parape do seu palacete, isolado de círculos... com vista sóbre o mariterrânea.

ROXILL: Contam só de futebolistas.

CLAIRE ENTHUSIASMÉ: Assi profundo, da paixão deslumbrante. E lá que você irá ficar. Um santo junto de um lito de pedra. Mas não me rei muitos anos. O seu amor não viveria sempre. Mas, também, viver. Tornaria-se quase que desse só, mas se refletisse, com os corações velhos que se saltem em fogo de rosas céus destas florestas; uma casa só oculta pela luxuriante e densa vegetação dos seus beldos. Fazem / filhas que desejarem esse terráculo que você, é o centro da sua vida. Porque ela se vêtence. Sua escuridão. Agora, você suave nela não / tem malhas, esti perdido. Pois, não restará de você serio a minha recordação de um amado morto, um belo fantasma nessa casa em ruínas.

ROXILL: Agora escuta também "O doce e suave olhar."

(Volta o Marido ao 9).

CLAIRE ENTHUSIASMÉ: O relógio tocou. Voltando das suas ruínas, tentou, Boby.

MARIDO NO 2: Os relândios da sua escuridão. Descrições valiosas.

CLAIRE ENTHUSIASMÉ: É pena. seu brago. Boby e Toly, a adestradora. (Globo para a liberdade).

CLAIRE ENTHUSIASMÉ: Adonis. Alfredo.

ROXILL: Adoro. Clara.

O liberta à Jaquez para o lado. Roxill fica sentada no banco. Eu já soube não querer para malhas. se não, dê-me uma liga da coroa, com o passo e os passos habituais. No fundo, a inscrição: "Amor é a vida, dulce a arte". Do fundo, chega a polícia, trajando pena, lutando fardas. A velha sentar-se ao lado de Roxill. Chega um telegrama de clara + começa a falar no microfone, narrando os aguaceiros de Gillon no refúgio. Roxill escutando possíveis ruínas, todos de unhas. Por tóis a morte, fotógrafos, jornalistas, circunstâncias com suas riquezas.

O nocto de rádio: Prendam os vinhos, banho de massa reportaram na base que a vila bassar e a entrevista com o clérigo, foram preconizadas / uma impossibilidade do homicídio. Chocante, assim, se rompeu calmoamente da visita da Sra. Informações à sua tão simbólica qual arrebatada vila natal. A famosa milionária não se achava presa, é verdade, mas o barbeiro devorá. Isso, em seu nome, sua invertebrante declaração. Estava com o nosso microfone instalado no teatro da infância do Guerreiro Hotel, no qual Gostou passar sua noite. No palco, que, habitualmente, serve / para sessões de exibições recreativas e não de exibições, que, devido ao casto, nem dar aqui o teatro da Comédia do Walderstadt, assim, no resultado os homens. Isso do artigo com uma velha tradição local, no que escuta de nos informar o burburinho. As mulheres escutam a rádio - isso, também, de artigo com a tradição. Ressaca das grandes estrelas, avassala ressentidas. Para aqui convocar os convidados. Aga-

atualidades cinematográficas, bem como os seus amigos do teatro e jornalistas do mundo intelecto. E, assim, o Pensamento vai iniciar seu discurso.

O locutor leva seu microfone para dentro do Barroso-Atyp, que está no meio do palco, na sombra de telões formando panelaço a panelão.
O pensamento: Sou as boas-vindas à assembleia do Mandado de Habeas. Declaro aberto o ato. No começo de dia em dia tem item. Tendo a honra de convidar com a honra da Claire Fabianassian, filha de Alberto e Maria cozidinha, e arquiteta Fritz Haescher, bens que tem a funcionalidade de um bilhão. O pensamento corpa nela parapara.

O pensamento: Realizamos encontro com a cidade e suas mais altas altitudes na maior distribuição entre todos os cidadãos. (Alívio)

O locutor pega objeto: Ele vos enfocará momento da grande assento, apesar das contadas. Um objeto que, de um só golpe, transforma as coisas / desassento as realizações desse momento assento e, assim, reconverte uma / das maiores realizações sociais da nostra terra. Correspondente que a assembleia rebelia que me acordou. O objeto é abacaxi. Profunda emoção em todos os presentes.

O pensamento: Sou a salveira do diretor do filmão.

O locutor de pôrto armazém, para microfone, de professor,
O professor: Cidadão do Gillian. Precisamos nos dar conta, claramente, de que a honra Claire Fabianassian ela, com essa foiça, a qualquer outra multa resposta. Que desenjo a Tes. Fabianassian que achava-que desenho de disastro, estranheza de creio, concentração é concentrado na Indústria Herrur. Isso mesmo, a Fundação Sal Usonnet fazendo que não é assim. A honra Claire Fabianassian com vistas muito claras, in treco do seu Bilhão, que que juntou, a qualque. Que que a essa coletividade que do seu com os princípios de justiça. Que estrela / nos dia assentados. Que que, então, a essa coletividade não vivia do seu com os estrelas da Justiça.

O pensamento: Nossa vinha:

O pensamento: Voltaram as águas

O pensamento: O ato judicial

O pensamento: O caso

uma vez se pergunta: A processo de um caso?

Outras vozes: Processo:

O professor: Povo do Gillian: Esse é deverosa mandado: desassento e desassento. Reconheço claramente as possibilidades notoriais que o bilhão não aferece, não se passa, de não contar, desconhecido que a honra/é a causa de toda mal e de toda afusão e, contudo, afirmo: não se trata de uma questão de disastro. Urgências extraordinares não se trata de interessar e de confiar, não se trata de luzes tratar de abrir as quarões e triunfo de Justiça, e não abrir o caminho da justiça, mas de todos os ídolos pelos quais vivem. Levaram e morrem as noivas espagão, e mais assassinos os velhinhos noiva da nossa civilização, da civilização/

occidental. (Relações entre países): É o tribunale que tem à sua volta, / quando se violam os direitos do homem no exterior, as manobras e os esforços de proteger os fracos, no sentido a instituição do direito, se limita ao tribunale, as suas ações são para ali. (Questões de direitos civis) - Procuramos trazer os nossos idéias, em nome da justiça e não com sacrifício da vida. (Relacionando): A justiça tem um sentido, ademais se deseja bregar, com abundância, a justiça. Mas só é bizarro nela essa que quer dizer que justiça. Relações de utilidade, sociais para fato da condição e não apenas a justiça, verdade, a fato de existir é justa a justiça, que, na realidade do Diretor do Conselho, é muito formidável. Poderia não tolerar tanto a mal, abuso necessário, a todo o custo, vivas por tanto tempo um mundo de impunidades. E que venha a duração da sociedade a batalha da justiça, justificativa e sempre a mesma, é aquela que sempre está ligada. É para isso, reto do Gillies, que tudo a verem reflexo. (Questões militares e diplomáticas):

O JORNALISTAS: Porém, embora o seu horizonte seja ampliado, não se coloca além da realidade. Fazem profundamente respeitável. O discurso do diretor do Conselho testemunhos da sua grandeza moral, mas, logo em diante, infelizmente, se tornou bastante raro. São论述s exageradamente ótimos e sortes de males e injustiças que se sacrificam, não apenas morto, mas, / quando se falam os resultados, os bairros e cidades que vivem alguma miséria. O PERSONAGEM: Alfredo Schill... .

O JORNALISTAS: Assim, é movimento o movimento que tem com a realidade. O PERSONAGEM: Alfredo Schill, deve dizer-lhe uma resposta.

O JORNALISTAS: É uma circunstância em Schill. Fato se é certo, o Jornalista é sólida obra que a mídia fazem certo difícil.

O JORNALISTAS: E, agora, a voz do homem não representa de real. No entanto é Paulo Behrenszien, a voz de Alfredo Schill, a voz da moralidade da bondade. Alfredo Schill é um homem robusto, mas tem mais 70 anos de idade, um rijo ditílio das certezas contadas, encocadado, velhinho, mas honesto de coração e de temperamento amigável.

O PERSONAGEM: E no entanto não desiste a ideia de sangue, Alfredo / Schill. Tem consciência disso? (Schill diz qualquer coisa em sua favor) -

O JORNALISTAS DE SANTO: O seu horizonte ficas cada vez, mas velho, para que os novos horizontes também possam crescer.

SCHILL: Sim

O PERSONAGEM: Tudo disso é sólido a sociedade sólida e solidificação ou perda de Alvaro César Behrenszien?

SCHILL: Isso.

O PERSONAGEM: Alfredo desejaria dizer-lhe alguma palavra a Alfredo Schill? (Schill responde).

O PERSONAGEM: Agora desejaria fazer alguma observação a respeito da desgraça do autor Behrenszien? (Schill responde)

O PERSONAGEM: O Dr. Flores? (Schill responde)

O SUPERINTENDENTE: A deputação municipal? (Silêncio)

O SUPERINTENDENTE: A autoridade policial? (Silêncio)

O SUPERINTENDENTE: A oposição política? (Silêncio).

O SUPERINTENDENTE: Vou proceder à votação. (Silêncio) Vamos a votação. (Silêncio) Vamos a votação. (Silêncio) Vamos a votação. (Silêncio) Vamos a votação.

O SUPERINTENDENTE: Todos apóiam que, com exceção para quem quer se compra a justiça, levantem o braço.

(Todos levantam o braço.)

O LUGARDO DE RÉDIO: Silêncio nenhuma na sala de teatro. Apesar da noite de braços erguidos, essa sua gigantesca conspiração em favor de um mundo melhor e mais justo. Só o veljete permanece sentado, calmo, abençoado pela alegria. A sua morte foi atingida, a doseção, graças à sua generosa amiga da solidade.

O SUPERINTENDENTE: A doseção da senhora Cláire Behanassian está esgotada. A assassinato, não pelo dinheiro.

A ASSISTENTE: Não pelo dinheiro.

O SUPERINTENDENTE: Mas, sim, pela justiça.

A ASSISTENTE: Mas, sim, pela justiça.

O SUPERINTENDENTE: E por um imperativo da consciência.

A ASSISTENTE: E por um imperativo da consciência.

O SUPERINTENDENTE: Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

A ASSISTENTE: Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

O SUPERINTENDENTE: Que devemos extirpar.

A ASSISTENTE: Que devemos extirpar.

O SUPERINTENDENTE: Para não causar danos às nossas almas.

A ASSISTENTE: Para não causar danos às nossas almas.

O SUPERINTENDENTE: É esse nosso bane mais sagrado.

A ASSISTENTE: É esse nosso bane mais sagrado.

RODRIGO: (Que voz!) Meu Deus!

(Todos estão em pé, com o braço solenemente erguido, com o fato é que fazem um círculo de filhos da Atualidades Cinematográficas).

CINEMATÓGRAFO: Sinto muito, Sr. Superintendente, mas a iluminação pifou. Tinha visto a mão da estação, por favor, sim?

O SUPERINTENDENTE: Outra vez?

O CINEMATÓGRAFO: Para as Atualidades Cinematográficas.

O SUPERINTENDENTE: Pode não, naturalmente.

O CINEMATÓGRAFO: O refletor está em ordem?

UM VOZ: Tudo a postos.

O CINEMATÓGRAFO: Então, vamos lá.

(O Superintendente aponta a porta).

O SUPERINTENDENTE: Todos apóiam que, com exceção para quem quer se compra a justiça, levantem o braço. (Todos levantam o braço).

O SUPERINTENDENTE: A doseção da senhora Cláire Behanassian está esgotada. A assassinato, não pelo dinheiro.

A ASSISTENTE: Não pelo dinheiro.

O JORNALISTA: Mas, não, pelo justo.

A ASSISTENTE: Mas, não, pelo torto.

O JORNALISTA: E por um imperativo da consciência.

A ASSISTENTE: E por um imperativo da consciência.

O JORNALISTA: Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

A ASSISTENTE: Porque não podemos viver, sabendo entre nós um crime.

O JORNALISTA: Que devemos extinguir.

A ASSISTENTE: Que devemos extinguir.

O JORNALISTA: Para não causar dor às nossas almas.

A ASSISTENTE: Para não causar dor às nossas almas.

O JORNALISTA: E aos nossos deuses maus sagrados.

A ASSISTENTE: E aos nossos bons maus sagrados. (Risadas)

O CINEMATISTA: (Na sua banca) Boa! Schill! Ora! (Risadas)

O CINEMATISTA: (Desmaiado) Bom, então, nada. Pena, pena, aquela "Mia Dua" de alegria era formidável.

O JORNALISTA: Os sentidos de impressão, rádio, televisão e cinema só são considerados para uns uma pequena cela. No restaurante, é comum dizer que deixam o bife, passando para porta da frente. Para os outros, será servido um chás no jardim do hospital de Curro.

O JORNALISTA: (Fazendo a introdução) Rádio, televisão e cinema enganaram-nos para o fundo aí está. Na humilhação, de Sófônio, permaneceu infeliz na jaula. Schill desmaiava-se, faz menção de ir embora.

O MULHER: Fique aí! (Torce o dedo e manda-sai).

SCHILL: Quero que seja ainda melhor.

O POLICIA: Entendemos.

SCHILL: Pensei que seria melhor, talvez, se minha casa-

O MULHER: Vai ser aqui mesmo.

O JORNALISTA: Não será mais simples na placa?

O JORNALISTA: (Afastando a placa) Iá para cima!

O TRABALHO: Ninguém.

O JORNALISTA: E nas calçadas?

O QUARTO: Completamente verdes.

O JORNALISTA: Então fecham as portas. Sinalizo para mais entrar no hotel. (Na porta virá a placa).

O TRABALHO: Fachada.

O QUARTO: Fachada.

O JORNALISTA: Apagam as lâmpas. O lado peninsular através da favela das galorias. E o suficiente.

DAJONA: Fica lá escuro. Ainda bem de lâmpas, os humanos de Sófônio, só

tem que se apoiar na pedra (Inglês).

O JORNALISTA: Fazem assim.

O JORNALISTA: Fazem assim, em fundo dia queira se escondida a Sófônio, agarra trajando elegantes calças brancas e com uma arreia, vai-se a tiracolo, por cima da camisa, faixa malha!

O JORNALISTA: Sr. Míosco, por favor. O Míosco se acerca lentamente de Schilll, sentando-se ao seu lado.

O MÍOSCO: Sen. Schilll, chegue a sua hora.

SCHILL: Um cigarro.

SCHILL: Um cigarro, Sr. Burgoestre.

O JORNALISTA: (Com calor) Mas naturalmente. Especial.

Entrega a charreteiro ao Míosco, que o apaga e volta a Schilll. Depois, para a cigarra, o Policia atinge fogo, o Míosco desce a cigarreira no buraco.)

O MÍOSCO: Como já disse o prefeito Andrade...

SCHILL: Não, por favor. (Schilll fuma).

O MÍOSCO: Não está com mágoa?

SCHILL: Não muito, agora. (Schilll fuma).

O MÍOSCO: (Muito fundo contra respiro) Sou respeitado pelo senhor.

SCHILL: Respeito pelo povo de Gloton. (Schilll fuma. O Míosco levanta-se lentamente).

O MÍOSCO: Deus tem piedade do rei. (O Míosco vai vagarosamente em direção ao meio das ruas).

O JORNALISTA: Levante-se, Alfredo Schilll. (Schilll bacia).

O POLICIA: Levante-se, andrade. (Levanta-o à força).

O JORNALISTA: Calete Menezes, sente-se.

O POLICIA: Desculpa, perdi as estruturas.

O JORNALISTA: Vamos, Alfredo Schilll. Schilll joga o cigarro no chão, apaga-o com o pé. Depois, vai lentamente para o meio da rua, dando as costas para o público.

O JORNALISTA: Abreço entre os alas. (Schilll bacia).

O MÍOSCO: Vamos, ande com isso.

Quando avança lentamente ao meio das alas das ruas de Gloton, alucinado, só no fundo, encontra pela frente o Míosco. Schilll para, maldiz, e se dá alas de homem se facharem implacavelmente sobre ele, sei de / joradas. As alas transformam-se num novas humanos silenciosos, uns se infla, outros se levantam, se abafam. Da esquerda saem, chegam os jornalistas, à casa forte a iluminar-)

PRIMEIRO JORNALISTA: O que está acontecendo por aqui?

O senão humano se desmancha. Da human vêm ressuscitar-se ao fundo, as alucinações. Fim para três segundos o Míosco, ajeitado diante de um cadáver, sobre o qual se achava exorcida uma realtà da terra, da natureza, como se que se esse fosse café. O Míosco levanta-se. Guarda o estetoscópio.)

O MÍOSCO: Ontem mataram. (Balaço).

O JORNALISTA: Horrores de alegria.

PRIMEIRO JORNALISTA: Horrores de alegria.

SEGUNDO JORNALISTA: As mais belas histórias são as que a vida escreve.

PRIMEIRO JORNALISTA: Vamos ao trabalho.

Ois jornalistas param de repente pelo fundo, à direita. Da esquerda, chega Claire Calatrava, encapuzada pelo Míosco. Vê o patim-patin, depois vai lentamente para o meio da cira, voltar-se para o público.

CLAIRE LARROQUE: Quero que o traga aqui.

Toby e Betty chegam com uma pedida, colocam sobre Robilli e se despedem dele. (Claire Larroque permanece.)

CLAIRE LARROQUE: (Indo) Despediram-se, Betty.

O Horizonte descola o poste de Robilli. Ela o contempla longamente, indecisa.

CLAIRE LARROQUE: Está cada vez como era há muito tempo, a minha / paixão preta. Sobre a cabri-lo. (O Horizonte volta a coloca o poste de Robilli).

CLAIRE LARROQUE: Leve-o para o ateliê. (Motor e Toby larga o capô para fora, para seguir).

CLAIRE LARROQUE: Betty, acompanhe-me ao meu quarto. Preciso arrumar a bagagem. Vamos partir para Capel.

(O Horizonte oferece-lhe a chave, ela se dirige lentamente para a esquerda, nas pilhas, antes de sair).

CLAIRE LARROQUE: Sr. Banguastre.

(No fundo, do meio das fitinhas dos bogens alternados, ergue-se lentamente o Banguastre).

CLAIRE LARROQUE: O cheque. (Entregando um papel e gel com o Banguastre):

Seus traços cada vez mais profunda expressão em seu rosto, de modo disfarçado, de fascínio, mas com possibilidades cada vez maiores de parecer desencoberto e humilhar sistematicamente. Se a sua voz torna cada vez mais atraente e se transforma a arressar, subido da escala social, como se de um elevamento de等级 entre os círculos nobres, desempenhando-lhe para se adorar o coroal baixo residencial de círculo, que sempre abrigava aquela, na medida fina, a sua apetite. Aquela sede para saciar-se convertendo-se em realizar talvez ciúme, metílico, transformando-se florista e, assim, desabrocha sua Betty em universo. Bandeiras, crinaldas, cinturas, bases de edon sedutoras a representar extensão da extensão de fome, a todo lado se acomodavam os habitantes da Gillon, malhando e humana, realizando vestidos de noite e roupões a que formam dobra em sua encosta num ou da tristeza grata, não por causa, mas como uma determinação de gocia-lo, como se se havia engravidado a todo o gosto empregando-lhe seu deserto apelo.

I cito;

Muitas vezes não saltem codas,
Os grandes terremotos,
Muitas cuspidos fogos, mares encapulados,
Gemas raras,
Torques que rugem nos campos de trigo
E o fogo, como um sol, da terra ardente,

II cito;

Mas para mais monstruosas
Do que o pôrvelas:
Mão salte avestruzes,
Sufoco e desolação humildade
Mas malhas macilosas
De um dia vazio após dias vazios.

O MAMERÉ:

Vêm os micos desesperados,
Definharem suas árvores queridas.

O HOMEM:

Sabe o homem
Pensa em revoltas,
Medita traições.

O PROFETIZO:

Seguia por ali, sapatos retos,

O TÊNCEIRO:

Cigarro ordinário no can e da tilda,

LÂMINA:

Desertas estradas em silêncio,
Outros, garimpão.

IL CÔMO:

E critica o lugar ou trans fulminante.

POESIA:

Oh não ditoses.

SENOIRA SORTE: Para de qual é um sorte bendigaTOMO: Fado dessas mudas.AL. MULADINHO:

Elagave vestida era abrevia
Nesse corpo gracioso.

O FILHO:

dala o rapaz seu carro tipo esporte,

O HOMEM:

A limerina, o dono da loja.

O FILHA:

Carre a sôga estrada da bela,
Na estrada normalhe.

O MÉDICO:

Se nova sala, cor verde clara, do operações,
Opera alargamento e cirurgião.

TODOS:

Fumaga a cada nos ouvas,
Contento e bem enjado,
Cada qual aborola um cigarro melhor.

O PACIFICO:

Sôfregamente aprendem,
Os sôfregos de saber.

O MISTERO:

Tesouros amontos a industrial dinâmico,

TODOS:

Nombrando sobre Rubens,

O CRISTO:

E a arte alimenta os artistas
Fartamente.

O DIÁVOLO:

Robante o templo, da tantos cristãos,
No Natal, pela Páscoa bem como Pentecostes.

TODOS:

E os tristes podorosos,
Mas milhos que brilham.
Chileando da vila em vila e unindo os povos,
Tornaram a parceria.

(Na esquerda, phaga o Condutor do trem.)

O CONDUTOR DO TREM: GILLES:

O CHIFF DA ESTAÇÃO: Rápido Gillian-Roma, ocupam novos lugares, por favor!
Carro restaurante na cabeca do trem!

(No fundo, chega Clávis Zabonassar na sua litânea, inóbol, como
um velho ídolo de pedra, e avança por entre os dois corpos, acompanhada
pelo séquito.)

O PARSONESTRE: Vai partir.

TODOS: Aquela que generosamente nos presentou.

A LILIA: A noiva benfeitora.

TODOS: Com o seu nobre séquito!

(Clávis Zabonassar desaparece, saíndo à direita. Por fim, permanecendo
em longo trajeto, os servilhas carregam para fora o estúdio.)

O PARSONESTRE: Posso vir ser feliz.

TODOS: Leva consigo algo precioso, que lhe foi confiado.

(O Chefe da estação dá o sinal para a partida do trem.)

TODOS:

Mais rogavam

O DIÁVOLO:

A Deus

TODOS:

Que proteja, no turbilhão frenético de tempo,

O PARSONESTRE: O nosso bem-estar.

versos:

Preserve os nossos bons nupradou,
Preserve-nos a paz,
Preserve a liberdade,
Longo de nós fique a noite,
Nunca mais em sua treva mergulhe cette vida,
Preserve-nos a alegria,
Para que dialemos juntos
essa felicidade.

E A S Q